

DESTAQUES 2025/2026

Emília



Faça parte da
Comunidade Emília
https://emilia.org.br/comunidade-emilia/

DESTAQUES 2025/2026

Emília

DESTAQUES EMÍLIA 2025/2026
Coordenação Destaques e Olhar Leitor
Bárbara Franceli Passos
Dolores Prades
Miruna Kayano Genoino

EQUIPE DESTAQUES
Ana Carolina Carvalho
Ana Emília de Paiva
Andréia de Oliveira A. Iguma
Aurélio de Macedo
Camila Petrovitch
Carolina P. Fedatto
Dianne Melo
Dora Batalim
Érica Luciana de Souza Silva
Lara Rakel Trindade
Licia Breim
Livia Costa
Madalena Elek Machado
Maria Eduarda Coutinho
Milena Buarque
Natália Coltri Fernandes
Natalino Oliveira
Renata Penzani
Silvia Zerbini
Soraia Ribeiro
Thais Caramico

SECRETARIA
Priscila Castro
Renata Herondina

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Mayumi Okuyama
Juli Iach

AGRADECIMENTOS:
À Equipe Destaques Emília 2025/2026, às editoras que enviaram seus lançamentos para análise e aos parceiros do projeto permanente de extensão Narrativas Literárias, Multimodalidade e Mediações (NAMME), coordenado pela Profa. Dra. Giselly Lima da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Agradecemos em especial às autoras e autores que apostam na literatura como forma artística fundamental para a constituição humana.

SUMÁRIO

I. O QUE SOMOS? 5

Um coletivo 6
Critérios em construção 8
Os leitores(as) entram na conversa 11
A função social da leitura 12
Referências teóricas 14
Destaques e o reconhecimento internacional 16

II. O ACERVO DE 2025/2026 18

Marcos de leitura 18
Tendências e lacunas 22
O mercado 26
Critérios 28
Categorias 29

III. DESTAQUES 2025/2026, 32

Arrebatadores 32
Imperdíveis 36
Recomendáveis 44
Fora de série 52
Reedições 54
Resenhas 60
Equipe 144

[ANEXO 1] Editoras que enviaram lançamentos 152
[ANEXO 2] Quadro comparativo 2013/2025 154

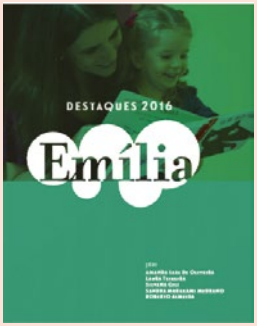
Ilustração para
O melhor dia
da minha vida




DESTAQUES 2013
Emília


DESTAQUES 2014
Emília

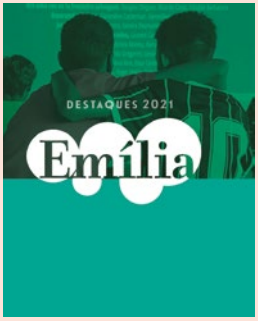

DESTAQUES 2015
Emília


DESTAQUES 2016
Emília


DESTAQUES 2017
Emília
FECHANDO
UM CICLO

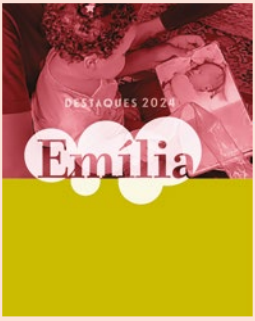

DESTAQUES 2018
Emília


DESTAQUES 2019/20
Emília


DESTAQUES 2021
Emília


DESTAQUES 2022
Emília


DESTAQUES 2023
Emília
10
ANOS


DESTAQUES 2024
Emília

Um convite a olhar mais demoradamente para os livros, a desconfiar das escolhas evidentes, a construir argumentos, a conversar sobre aquilo que lemos e a continuar formando, juntos, uma comunidade de leitores.

1. O QUE SOMOS?

Há mais de uma década, os **Destaques Emília** se renovam, a cada ano, a partir de uma pergunta aparentemente simples: entre tantos livros publicados para crianças e jovens no Brasil, quais merecem ser especialmente destacados — e por quê?

Responder a essa pergunta nunca significou elaborar uma lista dos "melhores livros do ano". Significa ler muito, colocar os livros em relação, discutir, argumentar, duvidar das próprias certezas e construir critérios capazes de sustentar escolhas. Significa, sobretudo, assumir que selecionar livros é também uma forma de pensar a literatura, os leitores e as diferentes concepções de infância, leitura e literatura que atravessam a produção editorial.

É nesse sentido que os **Destaques** se inscrevem na trajetória da Emília como uma ação central do seu Projeto. Desde sua origem, a **Revista Emília** constituiu-se como um espaço de reflexão sobre literatura, artes, educação, livros e leitura. Ao longo dos anos, artigos, entrevistas, ensaios e resenhas se somaram a encontros, seminários, grupos de estudo, clubes de leitura, cursos e publicações. Em todas essas iniciativas permanece uma mesma convicção: formar leitores(as) capazes de desenvolver o espírito crítico implica criar espaços nos quais seja possível ler, pensar, refletir, conversar e construir sentidos com os outros.



Ilustração para *Vamos!*



UM COLETIVO

O trabalho começa muito antes de existir uma lista. Ao longo do ano, os livros enviados pelas editoras circulam entre os integrantes da equipe. São muitas horas de leitura individual, anotações, perguntas, descobertas e estranhamentos. Aos poucos, essas leituras chegam às reuniões coletivas, e aquilo que inicialmente pertenceu à experiência de cada leitor passa a ser objeto de conversa, reflexões e discussão.

É nesse momento que o processo ganha sua verdadeira dimensão. Um livro que entusiasma alguém pode provocar resistência em outro. Uma imagem aparentemente simples revela novas camadas quando observada coletivamente. Um argumento precisa ser sustentado diante de outras leituras. Livros inicialmente descartados podem voltar à mesa; outros, que pareciam escolhas evidentes, deixam de sê-lo. Não buscamos eliminar essas diferenças. Ao contrário: elas fazem parte do trabalho, desde a sua origem, coletivo.

"Estar nos destaques é poder experimentar as três formas de interação que são tão caras à leitura: entre o leitor e o livro, entre os leitores, e entre os livros. Nosso olhar vai afinando a cada encontro, com os livros e com o grupo que lê junto. Aprendemos uns com os outros. A escolha é sempre coletiva e fruto de muita conversa. Analisar a produção de um ano também apura essa relação entre os livros. Entendemos melhor o momento, o mercado, e também podemos ver com mais clareza aqueles títulos que se destacam, que, do nosso ponto de vista, permanecerão para além de uma tendência. Acho um privilégio, como leitora, como formadora de leitores, como editora, vivenciar essas três formas de interação que constituem o processo de leitura e que balizam este grupo." (Ana Carolina)

Ilustração para
Leve-me ao seu líder

Além dos integrantes que fazem parte da Equipe dos **Destaques**, o processo de avaliação conta com as contribuições do projeto permanente de extensão Narrativas Literárias, Multimodalidade e Mediações (NAMME), coordenado pela Profa. Dra. Giselly Lima, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Essa parceria, mais do que contribuir para a análise de alguns livros, possibilita o compartilhamento das obras e das experiências de leitura desenvolvidas em uma escola da rede municipal de Salvador com crianças de diferentes idades. Essas vivências ampliam o olhar sobre os livros e contribuem para as avaliações, uma vez que as próprias crianças, por meio de suas reações, comentários, perguntas e interpretações, ajudam a revelar aspectos que nem sempre são identificados nas leituras realizadas pelos adultos.



Os critérios dos **Destaques** não são uma grade previamente estabelecida à qual os livros precisam se adaptar. Foram sendo construídos ao longo dos anos e continuam sendo interrogados pela própria produção que chega. Cada novo conjunto de livros obriga a perguntar novamente o que entendemos por qualidade literária e estética, que relações se estabelecem entre texto, imagem e projeto gráfico, que concepções de infância sustentam determinadas obras e que lugar elas reservam ao leitor.

Talvez seja mais fácil reconhecer um livro que simplifica excessivamente a experiência de seus leitores do que estabelecer uma definição do que seja um grande livro. É justamente nessa zona menos confortável que os **Destaques** procuram trabalhar.

Não interessa uma ideia abstrata de qualidade, separada das obras e do mundo no qual elas circulam. Observamos a força da escrita, a potência das imagens, a materialidade do objeto, o projeto gráfico e as relações que esses elementos estabelecem entre si. Procuramos perceber se o livro abre possibilidades de interpretação ou conduz o leitor a uma resposta previamente determinada; se produz perguntas ou apenas transmite mensagens; se reconhece crianças e jovens como sujeitos capazes de lidar com ambiguidades, silêncios, conflitos, humor, beleza e complexidade.

"Você lê e analisa um livro e encontra texto bom, imagens lindas, projeto gráfico integrado. Aí vai para a discussão no grupo e outros olhares se juntam para ampliar detalhes, ressaltar a fantasia e a poesia da história que conversa com a criança. Outras vezes, a gente fica em dúvida sobre determinada obra, se atende os critérios de avaliação do guia ou não, e na conversa o grupo pode ajudar a entender melhor as limitações ou ainda convencer você de que o livro é ótimo. Esse processo coletivo é muito rico e formativo para todos nós." (Aurélio)



Ilustração para
Para ver um dragão

Também não partimos de classificações rígidas por idade ou gênero. Livros-álbum, contos, poesia, narrativas, livros informativos e livros de não ficção colocam questões distintas e exigem diferentes formas de aproximação. O desafio é reconhecer aquilo que cada obra propõe e perguntar até onde consegue realizar, estética e literariamente, essa proposta.

Diante da quantidade expressiva de títulos recebidos relacionados às temáticas negra e indígena — presença que também se vincula às demandas e exigências dos editais públicos —, sentimos a necessidade de aprofundar a reflexão sobre alguns critérios que pudessem qualificar a avaliação dessas obras. O objetivo foi construir um olhar capaz de identificar e problematizar estereótipos, simplificações e abordagens meramente temáticas, distinguindo aquelas obras que, para além da relevância dos assuntos tratados, se destacam por sua consistência literária, estética e editorial.

Essa reflexão apoiou-se tanto no percurso formativo desenvolvido pelo grupo — incluindo os cursos realizados com Edimilson de Almeida Pereira e Neide Almeida, além de outras leituras e estudos afins — quanto na participação, no próprio Grupo de Avaliação, de pesquisadores e especialistas dedicados ao estudo dessas produções. Esse conjunto de experiências contribuiu para ampliar e tornar mais criterioso o debate em torno da autoria, da representação, das perspectivas culturais e, sobretudo, das formas pelas quais essas experiências se transformam em literatura.

"Participar da seleção de livros do Destaques é uma oportunidade de muitas aprendizagens. Os debates, as profundidades das conversas e análises de cada livro revelam todo cuidado e respeito com os pequenos leitores da infância. Vale destacar que o tempo de análise em cada livro e o rigor dos critérios são balizadores essenciais para que esse trabalho aconteça. Um campo comum e de extrema referência a todos os participantes do Destaques! A análise dos livros requer muitas camadas de leitura e reflexão até chegar numa indicação classificativa." (Lícia)



OS LEITORES ENTRAM NA CONVERSA

Há, porém, um olhar sem o qual esse processo ficaria incompleto: o das próprias crianças e jovens. O **Olhar Leitor** nasceu da necessidade de aproximar a reflexão crítica dos leitores aos quais esses livros se dirigem. Em sessões de leitura realizadas a partir de obras pré-selecionadas, crianças e jovens observam, interpretam, perguntam, recusam, se surpreendem e frequentemente percebem aquilo que os adultos não haviam percebido.

Não se trata de pedir a eles a confirmação de nossas escolhas, nem de transformar sua resposta em mais um instrumento de avaliação. Trata-se de escutar. Suas leituras deslocam nosso olhar e nos lembram continuamente de algo essencial: crianças e jovens não são destinatários abstratos imaginados por adultos. São leitores concretos, produtores de sentidos, capazes de estabelecer relações inesperadas com textos e imagens.

Os livros utilizados nessas atividades, doados pelas editoras ao Instituto Emília, permanecem depois com os grupos participantes e com bibliotecas comunitárias, prolongando sua circulação e criando novas situações de leitura.



Ilustração para *Água*

A FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA

Analisar, ano após ano, uma parcela significativa dos livros publicados para crianças e jovens permite observar algo que ultrapassa cada obra individualmente: as diferentes maneiras de pensar a infância.

Toda escolha editorial — um tema, uma linguagem, uma ilustração, uma determinada forma de explicar ou silenciar alguma coisa — contém uma ideia sobre quem é o leitor e sobre aquilo que se acredita que ele possa conhecer, sentir, imaginar ou compreender.

Por isso, procuramos observar as fronteiras, muitas vezes tênues, entre cuidado e tutela, entre formação e instrumentalização, entre literatura e transmissão de mensagens. Uma obra pode abordar questões fundamentais da experiência contemporânea e, ainda assim, reduzir a literatura a um veículo para ensinar comportamentos ou valores. Da mesma maneira, o desejo de proteger a infância pode terminar por empobrecer sua experiência estética ou limitar seu acesso à complexidade do mundo.

Defender uma literatura destinada às infâncias e juventudes significa, para nós, defender justamente o contrário: livros que confiem em seus leitores. Livros capazes de não explicar tudo. De deixar espaços vazios. De permitir interpretações contraditórias. De perturbar certezas. De produzir beleza, desconforto, riso, curiosidade ou assombro.

Essa perspectiva também orienta nossa reflexão sobre diversidade. Em um país marcado por profundas desigualdades, é indispensável que crianças e jovens encontrem nos livros uma pluralidade muito maior de experiências, culturas, corpos, territórios e maneiras de compreender o mundo. Mas ampliar a representação não significa apenas incluir personagens ou temas até então ausentes.

Interessa-nos encontrar obras nas quais outras estéticas, outras cosmogonias, outras estruturas narrativas e outras relações com a linguagem possam efetivamente transformar aquilo que entendemos por literatura para crianças e jovens. A diversidade que buscamos não funciona como um requisito exterior à obra: ela amplia o próprio campo do imaginável.

Isso exige também rever cânones, interrogar nossas referências e reconhecer que os critérios de qualidade nunca são inteiramente neutros. Por essa razão, o exercício crítico dos **Destaques** dirige-se tanto aos livros quanto ao nosso próprio modo de lê-los.

"É muito prazeroso conversar sobre o que lemos, e há algo de secreto nessa proposta. É como se esse diálogo só pudesse ser plenamente compreendido por quem se permitiu experienciar a leitura sem restrições (ou prescrições). Além disso, dividir nossas inquietudes e encantamentos diante de um livro é um ato de intimidade, pois permite que o outro acesse os pensamentos que nos acometem em um momento muito particular, entre uma página e outra." (Soraia)



Ilustração para
Basgráki – a criatura

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Ao longo dos anos, esse trabalho foi acompanhado por um processo permanente de estudo: Graciela Montes, Constantino Bértolo, Felipe Munita, Antonio Candido, Georg Lukács, Maria Teresa Andruetto, María Emília López, Marcela Carranza, Cecília Bajour e outros autores têm alimentado as conversas e ajudado a formular perguntas sobre literatura, leitura, mediação, crítica e função social da arte.

Para além dessas referências mais gerais, houve também uma busca específica por aportes que nos ajudassem a pensar as literaturas negras e indígenas, como já mencionado. Essa preocupação atravessou de maneira profunda e constante todo o processo de avaliação, colocando em discussão questões relacionadas à autoria, à representação, aos estereótipos, às perspectivas culturais e às próprias formas de construção literária dessas obras.

Ainda assim, reconhecemos que este é um campo que exige estudo, escuta e reflexão permanentes. O caminho é longo até que possamos construir parâmetros cada vez mais consistentes, capazes de reconhecer a complexidade e a diversidade dessas produções sem reduzi-las a categorias, temas ou critérios previamente estabelecidos. Mais do que chegar a respostas definitivas, o processo tem nos ensinado a formular melhores perguntas e a tornar nosso olhar progressivamente mais atento e crítico.





“Estar nos Destaques Emília é um convite para aprender a ler os livros para as infâncias e juventudes em coletivo, é ser nutrida, leitora adulta, por narrativas textuais e visuais bonitas, acolhedoras, questionadoras, inquietantes e amorosas. É ler, escutar, partilhar, discutir, analisar, reler e, sobretudo, ser crítico e ético. E, desse modo, selecionar as obras a partir dos critérios elencados e qualidade estética. É um espaço de leitura e construção.” (Lívia)

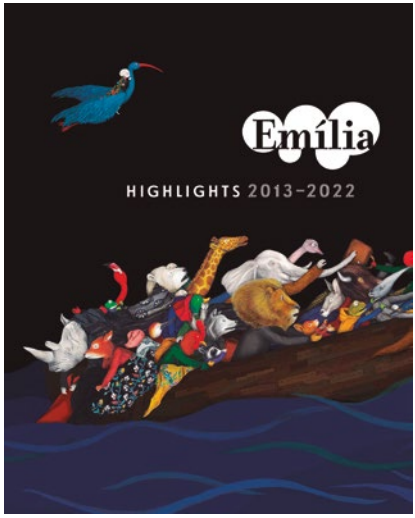
Uma comunidade leitora, como a do **Destaques,** pressupõe responsabilidade diante do que se lê e diante daqueles com quem se compartilha a leitura. Nela, o gosto individual não desaparece, mas deixa de ser argumento suficiente. Dizer “gosto” ou “não gosto” é apenas o começo. A crítica nasce justamente depois disso: quando procuramos compreender por que uma obra nos afeta, como constrói seus sentidos, que visão de mundo carrega e que experiência oferece ao leitor.

Ao final desse longo percurso, alguns livros entram nos **Destaques**. Isso não significa que sejam os únicos livros importantes publicados naquele ano. Muitas obras que não chegam à seleção final são reconhecidas pela equipe como valiosas e encontram lugar em bibliotecas, acervos e diferentes contextos de leitura. Uma seleção é sempre um recorte, realizado a partir de determinados critérios, em determinado momento histórico, por uma determinada comunidade de leitores.

Assumir essa condição não enfraquece as escolhas. Ao contrário, torna-as mais responsáveis. O que os **Destaques** buscam é precisamente destacar aqueles títulos que naquele ano trouxeram elementos novos, se sobressaíram dos demais.

Ilustração para
Tudo que posso ser

DESTAQUES EMÍLIA E O RECONHECIMENTO INTERNACIONAL



Desde 2023, este trabalho atravessa também as fronteiras brasileiras por meio do Highlights Emília, versão em inglês apresentada na Feira do Livro Infantil de Bolonha. A publicação busca ampliar a circulação internacional da produção brasileira para crianças e jovens e oferecer a editores, pesquisadores e mediadores de outros países uma aproximação crítica com os livros produzidos no Brasil.

Depois de tantos anos, continuamos acreditando que selecionar livros só faz sentido quando a seleção abre novas leituras. Por isso, este guia não pretende oferecer respostas definitivas nem substituir a experiência de cada leitor diante das obras. Quer compartilhar um percurso: tornar visíveis as perguntas, os critérios, as discussões e as escolhas que nos trouxeram até aqui.

Ilustração para *Menino onça, onça menino*



II. O ACERVO DE 2025/2026

MARCOS DE LEITURA

Ao longo das reuniões de avaliação, realizadas entre fevereiro e setembro de 2026, um primeiro aspecto se viu reforçado: **a centralidade da qualidade literária e estética.** A relevância de um tema, a autoria ou a intenção de abordar determinada questão social não são, por si mesmas, suficientes para qualificar uma obra. Essa perspectiva aparece de maneira explícita nas discussões sobre livros de autoria negra e indígena: além dos critérios específicos relacionados à representação e à inserção sociocultural, essas obras são avaliadas pelos mesmos critérios gerais aplicados às demais — linguagem, construção narrativa, projeto gráfico, relação entre texto e imagem, entre outros.

Nesse sentido, foi dada especial atenção à forma como os temas se transformam em literatura. Há uma crítica recorrente aos livros excessivamente "instrumentalizantes", às narrativas que pretendem transmitir uma mensagem previamente definida ou que simplificam questões complexas para conduzir o leitor a determinada conclusão. O tema pode ser relevante e necessário, mas é a maneira como ele se materializa literariamente que determina a força da obra.

Associada a essa questão está a defesa da autonomia e da inteligência do leitor. São especialmente valorizados os livros que deixam espaços, ambiguidades e silêncios, permitindo que o leitor observe, interprete, estabeleça relações e produza seus próprios sentidos. Por outro lado, aparecem reiteradamente críticas aos elementos que explicam demais — particularmente textos de quarta capa, apresentações e outros paratextos que antecipam ou enquadram a interpretação. Nas discussões, esse excesso explicativo é entendido como algo que pode restringir a experiência estética e, em certa medida, subestimar o leitor.

"Nas reuniões de análise dos livros que a gente faz para o Guia Destaques Emília, temos visto que os paratextos da quarta capa, da orelha ou cartas se tornam um problema em muitos casos. Em vez de instigar a curiosidade da criança, e convidá-la a imaginar e fabular sua própria interpretação, esses textos resumem ou direcionam a leitura para um determinado aspecto da história. Quando é um livro só de imagens, enviesam ainda mais o sentido da obra, o que é uma pena." (Aurélio)

Outro eixo importante é a **coerência interna da obra,** deu-se especial atenção à construção narrativa, ao ritmo, à passagem do tempo, à consistência dos personagens, à fluência do texto e à capacidade de sustentar a proposta até o final. Uma obra pode ser graficamente bem realizada e tratar de um tema interessante, mas isso não basta quando a narrativa é plana, apresenta lacunas ou não consegue desenvolver plenamente aquilo que propõe. A distinção entre um livro "correto" e um verdadeiro **Destaque** aparece justamente nesse ponto: **espera-se algo que ultrapasse a boa execução e produza uma experiência de leitura mais potente.**

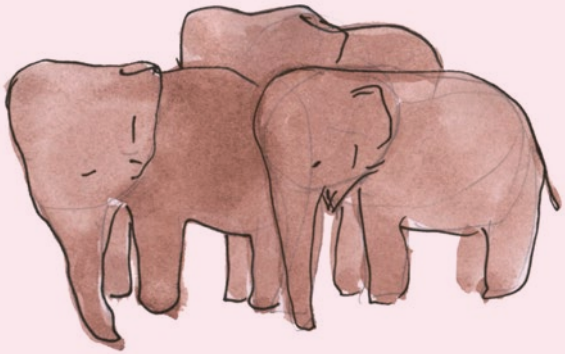


Ilustração para
A viagem de Mara

Nos livros ilustrados, ganha particular importância a relação entre **texto, imagem e projeto gráfico.** As imagens não são avaliadas apenas por sua qualidade plástica, mas pela função que desempenham na construção de sentidos. Observa-se se texto e imagem dialogam, se ampliam mutuamente ou se apenas repetem informações. Da mesma maneira, formato, capa, tipografia, disposição do texto e demais decisões gráficas são entendidos como componentes da experiência de leitura e podem fortalecer ou comprometer uma obra.

As avaliações também revelam uma atenção constante à **perspectiva da infância**: a quem determinado livro efetivamente se dirige, se as perguntas, conflitos e vozes atribuídos às crianças são convincentes ou se funcionam sobretudo como veículos para preocupações e discursos adultos. A presença excessiva da voz adulta, especialmente quando acompanhada de explicações ou validações de especialistas, tende a ser vista como uma interferência na autonomia da obra e na possibilidade de uma relação genuína com o leitor infantil.

Ao mesmo tempo, **não há uma defesa de livros "fáceis" ou de temas protegidos para a infância.** Ao contrário, obras que enfrentam questões difíceis e complexas, como guerra, morte, racismo, desigualdade e experiências culturais diversas são consideradas. O que se questiona não é a presença desses assuntos, mas **a maneira como são construídos literariamente.** Temas difíceis podem produzir livros fundamentais justamente quando não reduzem sua complexidade nem transformam a literatura em instrumento de ensinamento.

Também aparece como valor a **originalidade,** entendida não necessariamente como novidade absoluta do tema, mas como a capacidade de encontrar uma forma própria de olhar, narrar e construir uma experiência. Obras que parecem responder a fórmulas editoriais, repetir soluções já utilizadas ou aderir oportunisticamente a determinados assuntos tendem a perder força. Em contrapartida, são valorizadas aquelas capazes de renovar o olhar sobre temas ou objetos aparentemente conhecidos.

As discussões sobre representação negra, indígena, relações de gênero e diferentes contextos sociais acrescentam ainda outra dimensão: **a preocupação com como sujeitos, culturas e experiências** são representados. Busca-se evitar estereótipos, simplificações e abordagens meramente ilustrativas da diversidade. São valorizadas obras nas quais esses universos estejam incorporados organicamente à experiência narrativa — como parte da vida, das relações e da construção estética — e não apenas como assunto a ser explicado.

Há uma gradação importante entre uma obra bem realizada, uma obra recomendável e aquela capaz de se tornar um verdadeiro Destaque: livros que, além da consistência literária, estética e editorial, **provoquem e despertem no leitor: curiosidade, deslocamento, emoção, estranhamento, reflexão ou desejo de permanecer na obra.** É essa potência — difícil de transformar em um critério puramente objetivo — que aparece quando se discute se um livro é apenas recomendável, imperdível ou efetivamente arrebatador.

Assim, o processo de avaliação que vem sendo construído combina critérios, análise técnica e experiência leitora. Os critérios organizam e qualificam o olhar, mas não substituem a leitura. É no confronto entre a materialidade do livro, sua construção estética, sua relação com a infância e as diferentes experiências dos leitores do grupo que vai se constituindo, coletivamente, aquilo que entendemos como um Destaque Emília.



Ilustração para
O pequeno livro das grandes coisas

TENDÊNCIAS E LACUNAS NA PRODUÇÃO DE 2025

Para além da avaliação individual das obras, a leitura do conjunto de livros inscritos permite identificar alguns movimentos da produção editorial de 2025. Não se trata de estabelecer tendências definitivas, mas de registrar recorrências, permanências e deslocamentos que chamaram a atenção do grupo ao longo do processo.

Do ponto de vista formal se mantém a forte presença do livro ilustrado, entendido não simplesmente como um texto acompanhado de imagens, mas como uma obra multimodal, na qual texto, ilustração e projeto gráfico estabelecem relações de interdependência e convocam o leitor a articular diferentes linguagens na construção de sentidos.

Também merece atenção a presença de experiências com a linguagem poética que ultrapassam as formas mais convencionais da poesia dirigida às crianças. A prosa poética, a imagem e a própria materialidade do livro aparecem como possibilidades de construção do poético, ampliando uma concepção ainda bastante presente de que poesia infantil estaria necessariamente associada ao verso e à rima.

Outro movimento perceptível é uma espécie de reencontro com a tradição e com a oralidade. Contos, mitos, narrativas de origem e relatos provenientes de diferentes tradições culturais — com presença importante das culturas indígenas — são retomados e recriados em obras contemporâneas. Mais do que uma simples recuperação de histórias tradicionais, interessa observar como essas narrativas são atualizadas e colocadas em diálogo com novas linguagens, formas editoriais e leitores.

No campo temático, diversidade e inclusão, relações de gênero e identidade, migrações e deslocamentos forçados aparecem com frequência. Em algumas dessas obras, é especialmente significativa a tentativa de abordar essas experiências a partir da perspectiva da criança. A recorrência desses temas reforça, ao mesmo tempo, uma questão que atravessou todo o processo de

Ilustração para *Saudade*

avaliação: não basta a relevância do assunto. É necessário observar de que maneira ele se transforma em literatura e se a obra consegue escapar do didatismo, da simplificação e de discursos previamente definidos.

Neste ponto, tornou-se particularmente evidente como determinadas **perspectivas de classe** atravessam obras que, embora abordem questões sociais relevantes e apresentem projetos gráficos atraentes, acabam por reproduzir visões de mundo restritas e pouco representativas da realidade e dos interesses da maioria da população. São livros que incorporam temas contemporâneos, muitas vezes urgentes, mas os tratam de maneira superficial, sem aprofundar suas contradições, complexidades e implicações sociais, esvaziando, assim, parte de seu potencial crítico e reflexivo.

Chama atenção também a presença de livros que propõem uma reaproximação com o mundo natural, abordando os ciclos da natureza, as relações entre diferentes formas de vida e a consciência de que os seres humanos fazem parte — e não estão separados — do ambiente natural. Mais do que tratar a natureza exclusivamente como tema ambiental, algumas obras procuram incorporá-la como experiência, espaço de pertencimento e maneira de perceber o mundo.



Na produção destinada à primeira infância, encontram-se livros relacionados às primeiras canções e à oralidade, propostas que convidam à interação, livros de conceitos e livros para contar. Trata-se de uma produção que evidencia a ampliação do repertório editorial destinado aos leitores muito pequenos e que reafirma o livro como objeto de encontro entre criança e adulto, envolvendo voz, corpo, imagem, ritmo e interação.

A produção de autoria indígena também merece ser observada em sua especificidade. Entre as obras analisadas aparecem recursos recorrentes, como glossários, informações sobre diferentes povos e etnias e narrativas relacionadas a mitos de origem. Esses elementos suscitam uma questão importante para a



análise: em que medida os recursos contextuais ampliam a experiência do leitor e em que momento passam a explicar ou enquadrar excessivamente a obra? É uma tensão que se relaciona diretamente com a discussão mais ampla, presente ao longo das avaliações, sobre o peso dos paratextos na produção contemporânea.

O conjunto analisado revela, portanto, uma produção marcada por grande diversidade temática e por um investimento significativo na dimensão visual e material do livro, ao mesmo tempo que evidencia algumas tensões. De um lado, encontram-se obras que apostam na experimentação, na força das imagens, na multiplicidade de linguagens e na inteligência do leitor; de outro, permanece uma tendência à explicação, à instrumentalização de temas e à necessidade de explicitar previamente aquilo que a obra deveria ser capaz de construir literariamente.

Um aspecto que merece especial destaque nesta edição é a expressiva presença de obras de autoria nacional entre os livros selecionados, algo que talvez ocorra pela primeira vez com tamanha intensidade na trajetória dos ***Destaques Emília***. Essa presença não apenas evidencia a vitalidade e a diversidade da produção brasileira contemporânea para crianças e jovens, como também revela o amadurecimento de um campo editorial que vem ampliando suas possibilidades estéticas, narrativas e temáticas. Um movimento que merece ser destacado, sobretudo pela qualidade e originalidade das obras, capazes de dialogar com diferentes infâncias, repertórios e experiências de leitura.

Talvez uma das questões mais interessantes colocadas pela produção de 2025 esteja justamente aí: como abordar as urgências do presente sem reduzir a literatura a um discurso sobre essas urgências? Como tratar temas necessários sem fechar seus sentidos? Como ampliar a diversidade de vozes, experiências e representações sem transformar personagens e narrativas em ilustrações de determinadas pautas?

São perguntas que dizem respeito não apenas aos livros individualmente, mas à produção editorial contemporânea como um todo — e que ajudam também a compreender os critérios e debates que orientaram a escolha dos **Destaques Emília de 2025.**

Ilustação para
Depois do Atlântico

O MERCADO

Vivemos hoje um paradoxo inquietante no universo do livro para as infâncias e juventudes no Brasil. De um lado, assistimos a um aparente aquecimento do mercado editorial, com uma produção crescente de títulos, o surgimento de novas editoras e selos e a multiplicação de feiras, bienais e festas literárias que atraem públicos cada vez mais numerosos. De outro, os índices de leitura continuam em queda, enquanto editoras tradicionais e independentes enfrentam enormes dificuldades para sobreviver em um mercado concentrado, marcado pela fragilidade da distribuição e pela dependência das compras governamentais.

Uma dependência que, ao mesmo tempo que alimenta o setor, também o subordina a critérios e demandas que nem sempre privilegiam a qualidade literária e artística. Nesse cenário contraditório, proliferam iniciativas editoriais orientadas prioritariamente pelas oportunidades comerciais, muitas vezes em detrimento de um projeto cultural consistente. Mas é também nesse mesmo universo, especialmente nas margens e nas periferias, que surgem novas editoras, autores e ilustradores, trazendo outras vozes, repertórios, imaginários e experiências que renovam e enriquecem a produção brasileira.

Entre a lógica do mercado e a potência criativa da literatura, desenha-se um campo de tensões que nos obriga a refletir não apenas sobre a quantidade de livros que produzimos e vendemos, mas, sobretudo, sobre que livros estamos oferecendo e que leitores queremos formar.

A expressão dessa vitalidade criativa se faz presente nos **Destaques 2024/2025**, por meio de obras de criadores como Paty Wolff, Vitor Rocha, Radi de Oliveira, Carol Fernandes, Lumina Pirilampus e Xadalu Tupã Jekupé. Cada um à sua maneira, com linguagens, repertórios e sensibilidades próprias, esses artistas ampliam as fronteiras da literatura para as infâncias e juventudes, trazendo novos olhares, imaginários e possibilidades de representação. São vozes que

desafiam convenções, deslocam perspectivas e reafirmam a potência da criação literária e artística. A todos eles, os **Destaques Emília tiram o chapéu**, celebrando não apenas a originalidade e a qualidade de suas obras, mas também a abertura de caminhos e de novas formas de contar, ilustrar e imaginar o mundo.

AS TEMÁTICAS

Destaques 2025/2026 recebeu 428 livros, de 60 editoras. Desse total, aproximadamente 11,45% abordavam temáticas afrodescendentes, 7,48% tratavam de temáticas indígenas, 4,44% eram de poesia e 10,51% correspondiam a obras de não ficção. Os demais livros ilustrados contemplavam temas diversos, como os impactos das guerras na vida das crianças, migração, músicas e festas populares, a diversidade, preservação ambiental, entre outros.

TEMÁTICAS	QUANTIDADE	%
AFRODESCENDENTES	49	11,45%
INDÍGENAS	32	7,48%
POESIA	19	4,44%
NÃO FICÇÃO	45	10,51%
OUTRAS TEMÁTICAS	283	66,12%

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

O QUE CONTA:

- Valorização da inteligência e sensibilidade dos leitores, evitando concessões direcionadas exclusivamente a mediadores (como escolas, bibliotecas ou famílias).
- Densidade literária das narrativas, seja do texto como da imagem, capazes de promover experiências estéticas.
- Consistência e criatividade nos projetos gráficos e editoriais, rompendo e/ou abrindo para novas possibilidades.
- Presença de um leitor atemporal que ultrapasse as limitações de faixa etária e dialogue com todos os leitores e leitoras sem subestimar sua capacidade.
- Integração entre texto, imagem e objeto livro na construção do sentido da obra.
- Linguagem plurissignificativa, que permita múltiplas interpretações.
- Representatividade genuína da diversidade das infâncias.
- Livros que façam sentido na contemporaneidade, pelas seus múltiplos significados literários e humanos.

O QUE EXCLUI:

- Obras com conteúdo discriminatório ou preconceituoso.
- Livros de cunho funcional ou meramente instrumental.
- Narrativas moralizantes ou com intenções doutrinárias.
- Obras baseadas em estereótipos ou simplificações.
- Textos que subestimem os leitores ao recorrerem a fórmulas prontas ou explicações excessivas.



CATEGORIAS

As categorias foram concebidas de modo a acolher a maior diversidade possível de obras selecionadas, respeitando os critérios que orientam os Destaques Emília, sem perder de vista as singularidades de cada livro e os aspectos que justificam sua inclusão em determinada categoria.

ARREBATADORES

Aqueles livros que nos conquistam de tal maneira que é impossível permanecer indiferente. Surpreendem, emocionam, provocam, desestabilizam e permanecem conosco muito depois da última página. São os que nos fazem exclamar, sem hesitação: este é especial! Nossos preferidos, sem dúvida.

IMPERDÍVEIS

Talvez não tenham causado o mesmo entusiasmo, mas isso não significa que mereçam menos destaque. São obras que se sobressaem por suas qualidades literárias, artísticas ou editoriais e que não podem faltar em uma boa coleção. Como o próprio nome indica: é melhor não deixar escapar!



Ilustração para
Andanças e descobertas de Oliver

RECOMENDÁVEIS

Livros que merecem encontrar seus leitores. Com diferentes propostas, linguagens e abordagens, oferecem boas oportunidades de leitura, ampliam repertórios e contribuem para a formação de leitores e leitoras. Afinal, nem todo bom encontro precisa ser uma paixão fulminante!

OS FORA DE SÉRIE

Livros que escapam às classificações habituais, seja pela extensão, pelo formato ou por outras particularidades que os tornam difíceis de acomodar entre os demais. Mas ficar fora da série não significa ficar de fora dos **Destaques!** São obras que, justamente por suas singularidades, merecem um lugar especial e toda a nossa atenção.

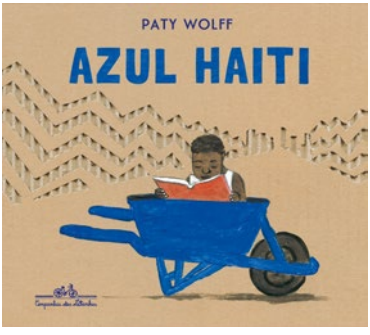
REEDIÇÕES E RESGATES

Há livros e autores que resistem ao tempo e continuam conquistando novas gerações de leitores. Sua permanência já é, por si só, um reconhecimento de sua qualidade e importância. Colocá-los para concorrer com as novidades não nos parece justo: afinal, são obras que já construíram uma trajetória e conquistaram seu lugar na história da literatura. Daí a criação desta categoria, que celebra o reencontro com livros e autores que merecem continuar circulando, reafirmando a importância das reedições e das novidades para a preservação e a renovação do nosso patrimônio literário e artístico.

Ilustração para
Terreiro enluarado



ARREBATADORES



AZUL HAITI
Paty Wolff
Companhia das Letrinhas



DEPOIS DO ATLÂNTICO
Paty Wolff
Caixote



TERREIRO ENLUARADO
Rádi Oliveira e Carol Fernandes
Editora Quatro Cantos



O PLURAL DE GUARDA-CHUVA
Vitor Rocha
Baião



ELETRICISTA
Augusto Massi e Daniel Kondo
Elo Editora



TEKO HYPY: A ORIGEM DO MUNDO
Ariel Ortega Kuaray Poty, Leandro Kuaray Mimbi, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro
Boitatá



BATEÇÃO
Josias Marinho
Pequena Zahar



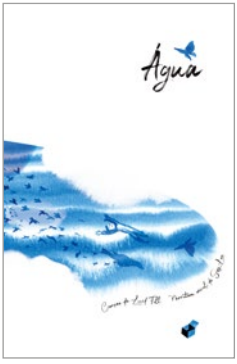
BIGURU
Eva Potiguara e Lumina Pirilampus
Companhia das Letrinhas



COLEÇÃO DE SONS DE CECÍLIA
Renata Penzani e Lumina Pirilampus
CEPE



O MUNDO É UM OVO
Renato Moriconi
Jujuba



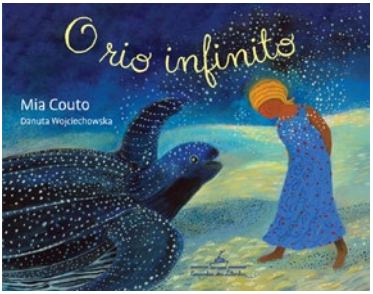
ÁGUA
Suzy Lee e Lucid Fall
Caixote



ESCOLHA UMA PALAVRA
Marilia Garcia e Ligia Franchini
Companhia das Letrinhas



ASTRO
Manuel Marsol
Baião



O RIO INFINITO
Mia Couto e Danuta Wojciechowska
Companhia das Letrinhas



Ilustração para
Jim



PÁSSARO PRETO
Suzy Lee
Companhia das Letrinhas



JIM
François Schuiten
Livros da Raposa Vermelha



FLORESTA DO MOFO DOURADO
Seungyoun Lee
Amelì

Ilustração para *Azul Haiti*



IMPERDÍVEIS



NASCIDOS PARA LER — MIUDEZAS DA NOSSA FLORESTA
Autoria coletiva
Selo Emília & Ibeac



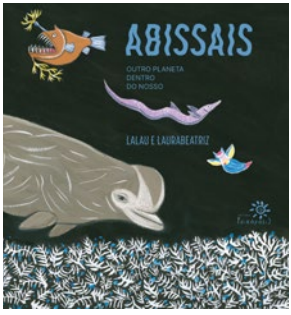
A PEQUENA RAINHA
Bruna Lubambo
Companhia das Letrinhas



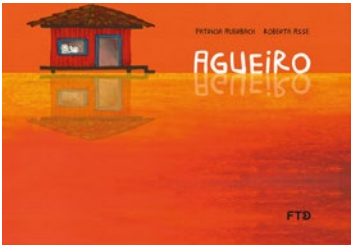
DRAGÃO, QUE DRAGÃO?
Telma Braga
Caixote



MENINO ONÇA, ONÇA MENINO
Nara Aragão, Renata Roberta
e Guilherme Lira
Boitatá



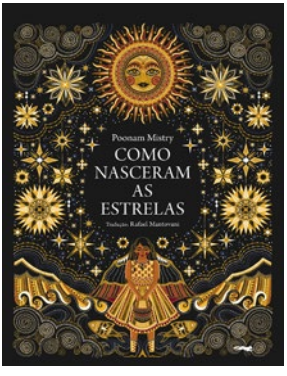
ABISSAIS: OUTRO PLANETA DENTRO DO NOSSO
Lalau e Laurabeatriz
Peirópolis



AGUEIRO
Patricia Auerbach e Roberta Asse
FTD



QUEM QUER BRINCAR DE BOLA?
Maria Carolina Marchi
Pallas



COMO NASCERAM AS ESTRELAS
Poonam Mistry
Livros da Raposa Vermelha



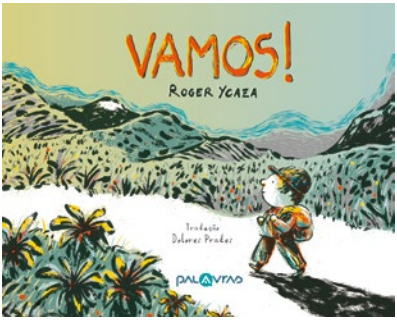
POR MIL BLUSAS POR DIA
Serena Ballista e Sonia Maria Luce Possentini
Palavras Educação



LEVE-ME AO SEU LÍDER
Afonso Cruz e Mariana Rio
Boitatá



O PRIMEIRO DIA
Henrique Coser Moreira
L&PM



VAMOS!
Roger Ycaza
Palavras Educação

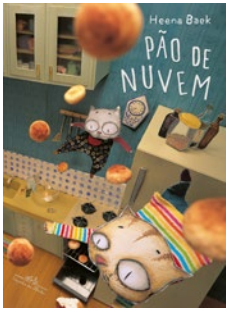


UMA HISTÓRIA COMPRIDA COMO
Pino Tovaglia
Editora Barbante



Ilustração para
Coisa sim, coisa não





COMO FAZER BALAS MÁGICAS
PÃO DE NUVEM
Heena Baek
Companhia das Letrinhas



INVENTÁRIO DE DEUSES
Manuel Soriano
Amelì



NOS FIOS DO INVISÍVEL
Alessandra Roscoe
FTD

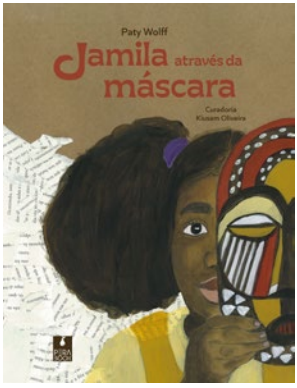


ANDANÇAS E DESCOBERTAS DE OLIVER
Ana Garralón e María Pascual de la Torre
Palavras Educação

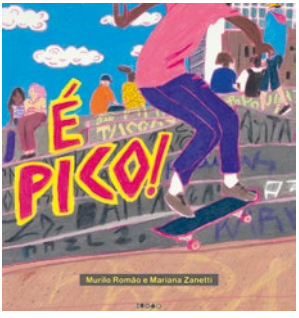
Ilustração para
Primavera



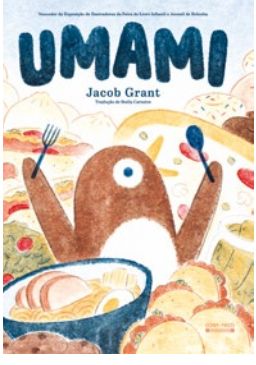
RECOMENDÁVEIS



JAMILA ATRAVÉS DA MÁSCARA
Paty Wolff
PeraBook



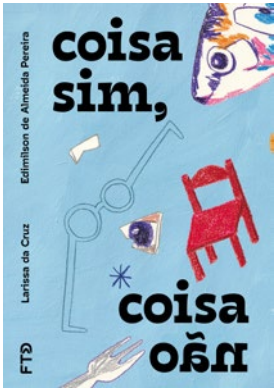
É PICO!
Murilo Romão e Mariana Zanetti
Todavia



UMAMI
Jacob Grant
Reco-reco



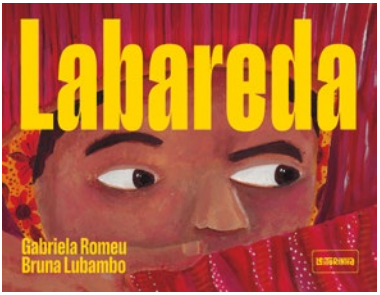
Ilustração para
A história da senhora Thomasina Aquinino



COISA SIM, COISA NÃO
Edimilson de Almeida Pereira
e Larissa da Cruz
FTD Educação



FRANK E ESTER
Vitor Rocha
Joaquina



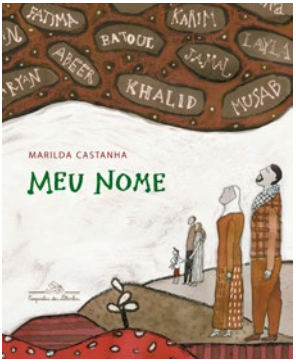
LABAREDA
Gabriela Romeu e Bruna Lubambo
Leiturinha



TUDO QUE POSSO SER
Caio Zero
Pulo do Gato



TEM FESTA NA FLORESTA
Paula Taitelbaum e Xadalu Tupã Jekupé
Editora Piu



MEU NOME
Marilda Castanha
Companhia das Letrinhas



O MELHOR DIA DA MINHA VIDA
Letícia Graciano
Joaquina



BASGRÁKI - A CRIATURA
Alexandre Camanho
Pulo do Gato



LUANDA NO TERREIRO
Marcelo D'Salete
Companhia das Letrinhas



TEMPORAL
Luísa Capalbo e Bruna Martins
Livros da Matriz



A DANÇA DE AYÓ
Clarice Campos e Fernanda Rodrigues
Pingo de Luz



PARA VER UM DRAGÃO
Carla Kinzo e Victoria Hattori
Cai-Cai



SABOR PACIÊNCIA
Mariana Salomão Carrara e Giovanni Colaneri
Baião



O CONSTRUTOR DE MUROS
Arianna Squilloni e Decur
Livros da Matriz



PARA CRESCER E SER FELIZ
Ananda Luz e Isabel Malzoni
Caixote



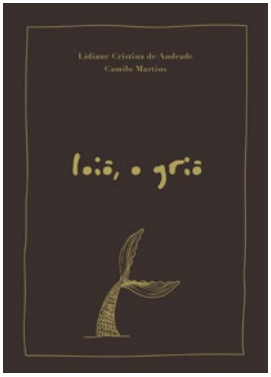
NUVEM DE AREIA
Otávio Júnior e Anna Cunha
Pequena Zahar



UMA FLOR QUE CRESCE NOS ESCOMBROS
Jairo Buitrago e Erre
Palavras Educação



MINHA VIAGEM COM MARA
Marina Arbolave
Edições Barbatana / Lote 42



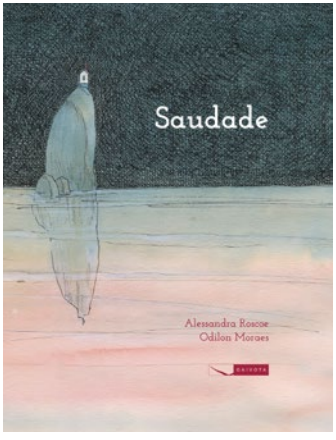
IOIÔ, O GRIÔ
Lidiane Cristina de Andrade
e Camilo Martins
Editora Quatro Cantos



O PEQUENO LIVRO DAS GRANDES COISAS
Sophie Vissière
Jujuba



MIAU!
Joana Estrela
Oh! outra história



SAUDADE
Alessandra Roscoe e Odilon Moraes
Gaivota



PRIMAVERA
Alessandra Roscoe e Odilon Moraes
Gaivota

Ilustração para
A dança de Ayó





NÃO VOU ESCREVER POESIA E OUTROS TEXTOS
Crianças do Mar e das Laranjas, Gaza
Coletivo de Editoras



O TEMPO DO CÃO
Ondjaki e António Jorge Gonçalves
Pallas Editora



ANGELIM
João Anzanello Carrascoza
Edições Barbatana



CONTOS PARA OS NOSSOS FILHOS: UMA SELEÇÃO
Gonçalves Crespo e Maria Amália
Vaz de Carvalho
Baião



DAVI SONHA E EU TAMBÉM: EU
DAVI SONHA E EU TAMBÉM: O OUTRO
DAVI SONHA E EU TAMBÉM: NÓS
Luiz Telles
Edições Barbatana



UM AZUL PARA MARTE
José Saramago e Claudia Legnazzi
Companhia das Letrinhas

REEDIÇÕES E RESGATES



UMA LAGARTA MUITO COMILONA
Eric Carle
Companhia das Letrinhas



URSO PANDA, URSO PANDA, O QUE VOCÊ VÊ AÍ?
Bill Martin Jr e Eric Carle
Companhia das Letrinhas



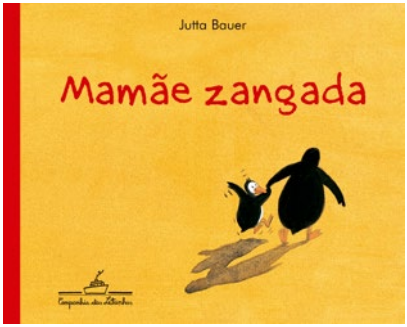
URSO MARROM, URSO MARROM, O QUE VOCÊ VÊ LÁ?
Bill Martin Jr e Eric Carle
Companhia das Letrinhas



URSO-POLAR, URSO-POLAR, O QUE VOCÊ ESTÁ OUVINDO?
Bill Martin Jr e Eric Carle
Companhia das Letrinhas



JOÃO FELIZARDO: O REI DOS NEGÓCIOS
Angela Lago
Baião



MAMÃE ZANGADA
Jutta Bauer
Companhia das Letrinhas



COLEÇÃO BEATRIX POTTER
A HISTÓRIA DA SENHORA THOMASINA AQUININO
Beatrix Potter
Edições Barbatana

Ilustração para
Urso panda, urso panda, o que você vê aí?





A BREVE HISTÓRIA DE ASDRÚBAL, O TERRÍVEL
Elvira Vigna
FTD Educação

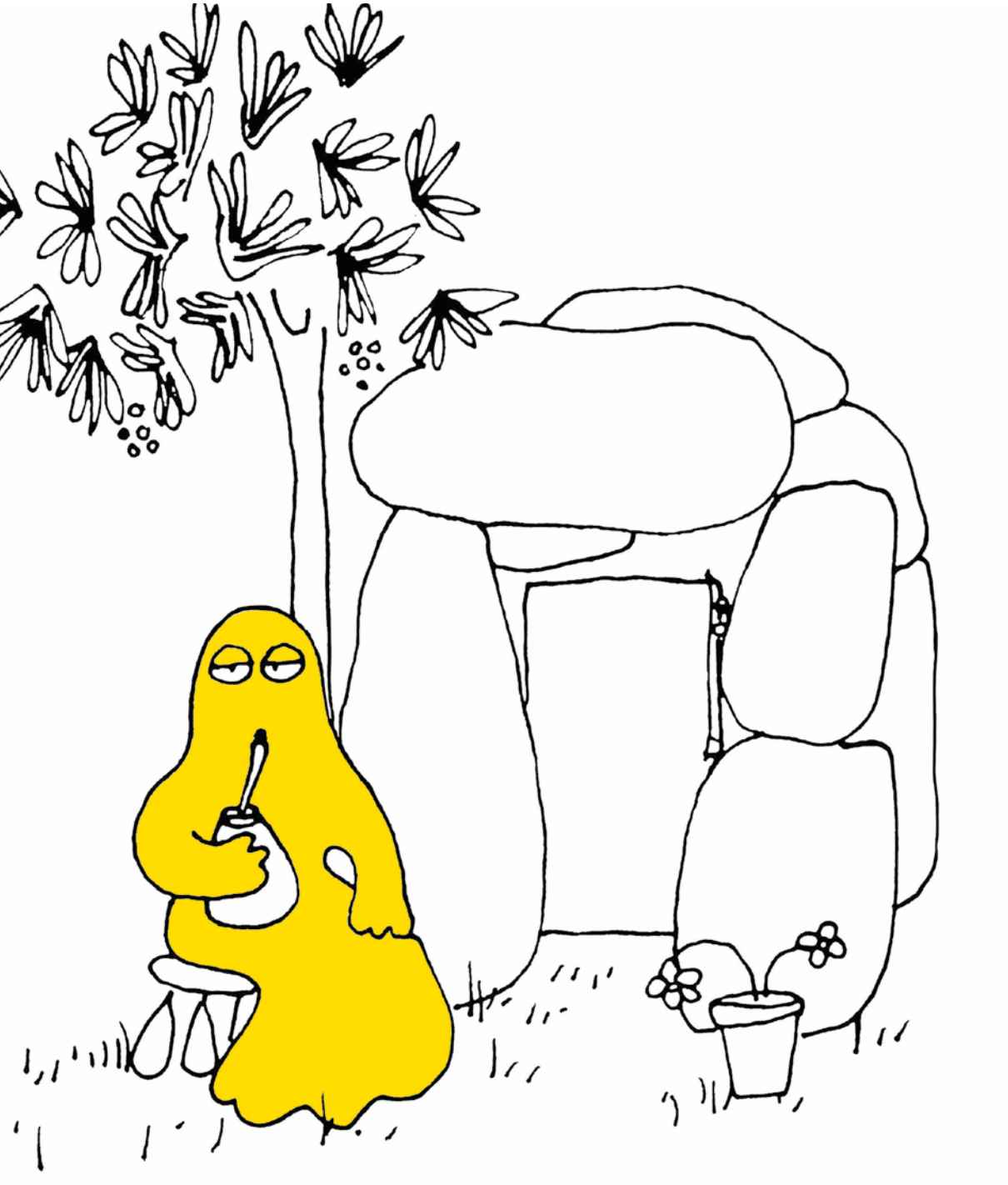


A VERDADEIRA HISTÓRIA DE ASDRÚBAL, O TERRÍVEL
Elvira Vigna
FTD Educação



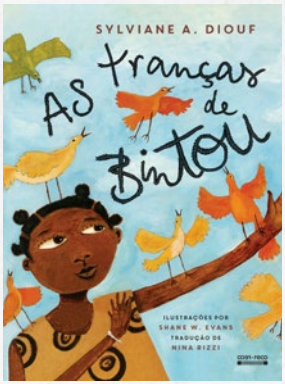
O TRISTE FIM DE ASDRÚBAL, O TERRÍVEL
Elvira Vigna
FTD Educação

Ilustração para
A verdadeira história de Asdrúbal, o Terrível





O POTE VAZIO
Demi
Reco-reco



AS TRANÇAS DE BINTOU
Sylviane A. Diouf e Shane W. Evans
Reco-reco



Ilustração para
Bateção



RESENHAS

AZUL HAITI

Autoria: **Paty Wolff**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Azul Haiti (2025) é uma narrativa sobre a vida de uma mulher haitiana, sua vinda para o Brasil como imigrante e os desafios para se sustentar e a seu filho no novo país. O narrador é o filho criança. Ambas as personagens não são identificadas por seus nomes, o que pode sugerir que esta é uma história comum a vários imigrantes haitianos. A história é contada por meio das lembranças do pequeno narrador nascido no Brasil. Algumas delas são lembranças contadas e não vivenciadas, como o grande terremoto que destruiu o país de sua mãe. O menino não é um imigrante, mas cidadão brasileiro; no entanto, ocupa um espaço de fronteira entre ser brasileiro, haitiano e imigrante. Portanto, seu olhar é o do estrangeiro, o que está em trânsito entre os três contextos. É nesse "entre lugar" que as memórias são construídas e percebidas.

Um dos aspectos marcantes da obra é o lirismo da narrativa. Embora a autora trate de assuntos áridos, como catástrofes naturais no Haiti, a xenofobia no Brasil, a vida de poucos recursos e as saudades sem fim do país que ficou no passado, tudo é feito de forma bastante sensível. Nesse sentido, a autora trabalha a linguagem lírica de forma surpreendente.

Paty Wolff é uma artista que utiliza o papelão como suporte gráfico e, neste caso, a capa e o miolo podem sugerir ao leitor o livro como um espaço onde o narrador guarda seus bens mais preciosos. Esses bens são marcados pela cor azul: o mar azul do Haiti de onde os avós retiravam o sustento familiar e que depois se torna o grande lugar da travessia imigratória; o fundo azul da fotografia dos avós haitianos; o carrinho de mão azul, que é a ferramenta utilizada pela mãe para conseguir o sustento familiar no Brasil; o azul da carteira de trabalho brasileira; o tecido azul que protege os documentos da imigração; o lenço da avó e a tiara da mãe, ambos azuis; por fim, o tênis azul da criança. Elementos azuis são ligados como um colar de contas por onde a história é narrada. Uma história arrebatadora, que demonstra afeto, cuidado e desperta a atenção do leitor para a questão dos imigrantes no Brasil e do povo haitiano. **[Érica Luciana]**

DEPOIS DO ATLÂNTICO

Autoria: **Paty Wolff**
Editora: **Caixote**

Uma viagem e muitas histórias entrelaçadas: esta é a narrativa de *Depois do Atlântico.* A história fala sobre o tecido que saiu de Benguela, Angola, onde nasceu e cresce a personagem Lueji, e chega ao litoral norte da Bahia, onde nasce e se cria a segunda personagem, Júlia. O tecido é um Samakaka, considerado patrimônio cultural de Angola. Ele é bastante significativo e carregado de histórias: tem ideogramas sagrados, faz parte do cotidiano das zungueiras, é utilizado em casamentos e funerais. Esse mosaico cultural atravessa o Atlântico e carrega toda a cultura e ancestralidade do país de origem. Sua viagem representa, metaforicamente, a viagem de todos aqueles que aqui chegaram via tráfico negreiro.

Um dos aspectos marcantes da história é o fato de a autora fugir dos binarismos que marcam o continente africano como região inóspita. Tanto Angola, quanto Brasil são tratados como o lugar "depois do Atlântico". Não há um lugar de referência para traçar a origem e o destino. A referência é o Oceano Atlântico, por onde a história foi e é contada. Nesse sentido, as ilustrações são elementos cruciais. A obra contém páginas com apenas imagens e nelas são apresentadas as águas e a fauna atlântica.

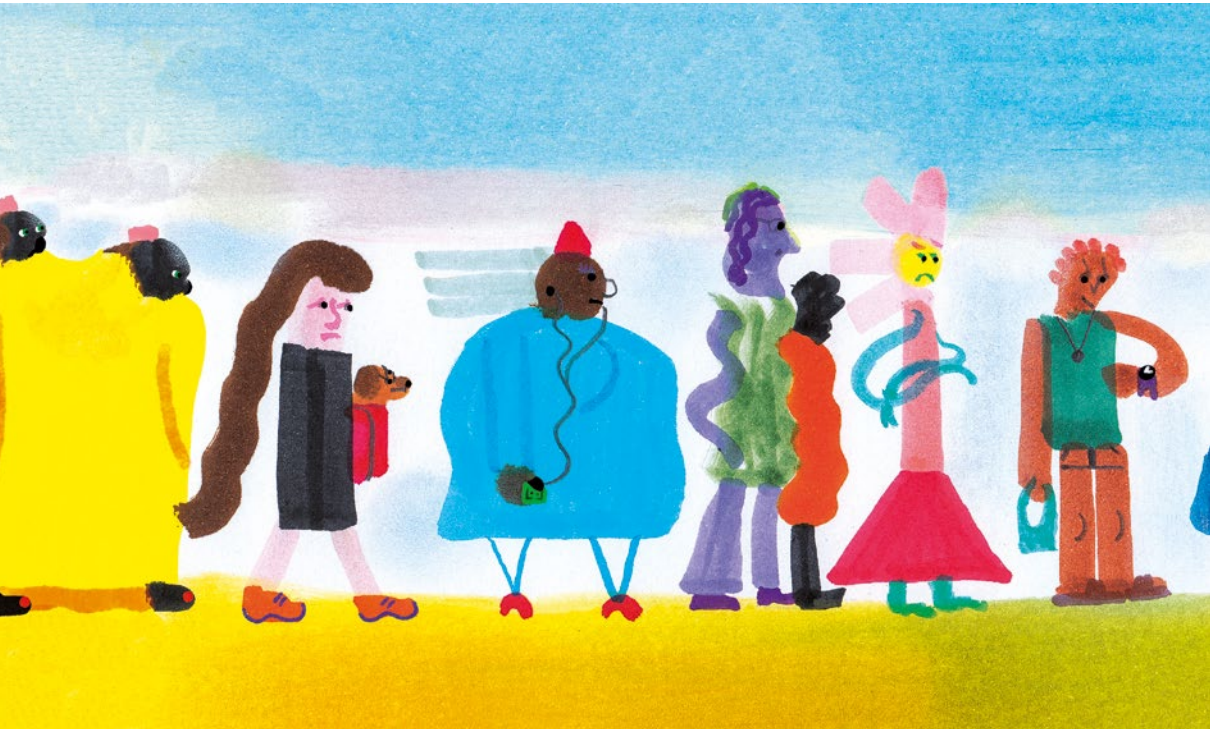
Na narrativa, são empregadas palavras pertencentes ao vocabulário angolano e ao nordestino, cujos significados podem ser conferidos, se necessário, no glossário. Ao apresentar o vocabulário das duas regiões, mais uma vez, a autora foge dos binarismos que hierarquizam as populações. Os paratextos são parte imprescindível, pois apresentam informações sobre elementos presentes na narrativa, além de despertar a atenção do leitor para o aspecto da travessia empreendida. Uma obra arrebatadora que, por meio da viagem, demonstra a presença angolana na vida social e cultural brasileira. **[Érica Luciana]**

TERREIRO ENLUARADO

Autoria: **Rádi Oliveira**
Editora: **Editora Quatro Cantos**

Terreiro Enluarado se passa numa noite clara de lua cheia. As crianças pedem para sair e brincar, afinal, a lua está no céu iluminando e protegendo os seus caminhos. A noite se torna convite ao encantamento e à descoberta do mundo.

O texto, com cadência de cantiga, afirma às crianças o direito de brincar; nessa perspectiva, território é brinquedo e o livro, território. Na obra estão presentes valores afrocentrados como a ancestralidade dos saberes, a oralidade, o conhecimento circular e o tempo cíclico das fases da lua. São saberes do quintal – que no Recôncavo Baiano é chamado de terreiro – e da roça que reconhecem as comunidades negras, quilombolas e indígenas como produtoras de cultura e de ciência.



As ilustrações acrescentam sugestões e camadas de sentido ao texto. A luz da lua dá um tom sagrado aos traços fenotípicos das crianças, conferindo a real beleza, dignidade e potência que elas carregam. A referência aos elementos de religiões de matriz africana respeita e honra a proveniência dos saberes afro-brasileiros. O livro cria um ambiente de afeto e proteção à criança, combate imaginários racistas e oferece às infâncias uma experiência poética, sensorial e ancestral de pertencimento. **[Natália Coltri Fernandes]**

Ilustração para
Sabor paciência



O PLURAL DE GUARDA-CHUVA

Autoria: **Vitor Rocha**
Editora: **Baião**

Quem já viveu um verdadeiro aguaceiro sabe: parece que existe um antes e um-depois de uma tempestade, e a vida fica em suspenso. Os artistas e as crianças, aqueles que podem perder tudo, menos a oportunidade de perceber as coisas, suspendem o relógio para ganhar esse instante (o próprio autor confessa que perdeu seis guarda-chuvas e 137 pontas de lápis ao criar este livro). Em *O plural de guarda-chuva,* Vitor Rocha aponta desde o título que não vai narrar a história de um único objeto, mas fazer do objeto um punhado de histórias diversas.

Neste livro gráfico de tramas não lineares, aparecem o desencontro, a espera, a solidão e até casos de amor. De acessório cotidiano, o guarda-chuva se transforma em alegoria poética possibilitada pela linguagem. Tanto o registro verbal quanto o visual, passando pela concepção do projeto gráfico, se associam ao gesto criativo das crianças ao brincar, curiosas para saber o que há por trás das coisas, mesmo as que elas já viram várias vezes.

A encadernação, uma brochura que lembra um caderno escolar ou um caderno de artista, remete ao mesmo tempo à invenção e à infância, esse tempo em que objetos falam e as coisas recriam seus sentidos a todo momento. Já as palavras e as ilustrações se apoiam na percepção da primeira vez, seja na estética dos cadernos de caligrafia em que as crianças aprendem a forma das palavras, seja no traço do lápis de cor que experimenta tocar o papel. Ao evocar de uma coisa concreta sua existência imaginária (e vice-versa), o livro revela do dia a dia sua contínua novidade infantil. **[Renata Penzani]**

ELETRICISTA

Autoria: **Augusto Massi e Daniel Kondo**
Editora: **Elo**

O Eletricista, com texto de Augusto Massi e ilustrações de Daniel Kondo, é um livro delicado e poético, que constrói, por meio de metáforas visuais e verbais, uma narrativa sobre o trabalho, a memória, os afetos e as relações familiares. A obra é dedicada a Ângela Lago, uma das mais importantes escritoras e ilustradoras da literatura brasileira para as infâncias.

A cada página, palavras e imagens se articulam em uma narrativa que acolhe e ilumina, revelando, em pequenos lampejos, a beleza dos gestos cotidianos. Há um equilíbrio cuidadosamente construído entre os tons frios dos metais e as cores vibrantes que evocam a energia elétrica. Essa tensão entre cores, formas e materiais atravessa o projeto gráfico e participa ativamente da construção de sentidos. Texto, ilustrações e materialidade do livro estabelecem um diálogo sensível, no qual a linguagem poética amplia as possibilidades de leitura e aproxima o universo do trabalho das experiências afetivas.

Narrada a partir das lembranças de um filho sobre seu pai eletricista, a história transforma fios, correntes de alta tensão e polos positivos e negativos em elementos de uma linguagem poética e visual onde se entrelaçam as memórias e o afeto. Ao mesmo tempo que presta homenagem a uma profissão tantas vezes invisibilizada e pouco valorizada, o livro constrói, com delicadeza, o retrato de um pai que permanece vivo na memória do filho por meio de seus gestos e de seu cuidado.

Sem recorrer ao sentimentalismo, *O Eletricista* encontra na simplicidade do cotidiano uma força poética capaz de tocar leitores de diferentes idades. Como observa Chico Homem de Melo na quarta capa, "O Eletricista é uma beleza, caminha na contracorrente". Uma contracorrente que se manifesta tanto na valorização de um trabalho frequentemente esquecido quanto na escolha de uma linguagem que aposta na sutileza, na potência das imagens e na capacidade da literatura de iluminar aquilo que, muitas vezes, passa despercebido. **[Lívia Costa]**

TEKO HYPY: A ORIGEM DO MUNDO

Autoria: **Ariel Ortega Kuaray Poty, Leandro Kuaray Mimbi, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro**
Editora: **Boitatá**

Um dos acontecimentos mais instigantes da humanidade, narrado a partir da cosmovisão do povo mbyá-guarani. No princípio, havia a escuridão, e era a luz do coração que guiava as divindades Nhanderú Tenodé (nosso pai verdadeiro) e Nhande Xy Ete (nossa mãe verdadeira). A partir daí, os leitores são envolvidos pela originalidade e beleza das narrativas visual e poética, que apresentam outras quatro divindades associadas ao Sol, às Águas, ao Fogo e à Bruma, até chegar à criação dos seres humanos.

Teko hypy: a origem do mundo é uma obra arrebatadora, tanto pela oportunidade de conhecer esse mito de origem pelas vozes de autores e pesquisadores indígenas quanto pela experiência estética que proporciona aos leitores.

O projeto gráfico e as ilustrações de Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro, com cores fluorescentes e formas simbólicas, ampliam as possibilidades de construção de sentidos e rompem com representações estereotipadas dos povos indígenas, tantas vezes retratados sob perspectivas coloniais e eurocêntricas.

Teko hypy é um convite para crianças e adultos mergulharem nas origens do mundo, mas também nas nossas próprias origens, reconhecendo nos saberes ancestrais dos povos indígenas parte da história que nos constitui. **[Dianne Melo]**



Ilustração para *Davi sonha e eu também – O outro*

BATEÇÃO

Autoria: **Josias Marinho**
Editora: **Pequena Zahar**

Bateção, de Josias Marinho, é um lindíssimo álbum ilustrado, com projeto gráfico primoroso. O livro apresenta um fenômeno pouco conhecido, vivido no Quilombo de Forte Príncipe da Beira, em Rondônia: a bateção, uma pescaria que envolve os biguás e os peixes do rio. O corte na capa, com os biguás em movimento, colocando-os como protagonistas da narrativa visual, já anuncia seus mergulhos.

Ao longo da narrativa, as ilustrações em colagem são eloquentes: dão destaque aos peixes e à pescaria, expressam o movimento e os sons das águas, e acrescentam um clima de expectativa em relação ao que se sucederá, acompanhando os mergulhos das aves pescadoras. Tudo parece ter sido pensado na construção do livro, que brinca com as linhas divisórias (com as margens, para fazer alusão ao rio) que costumamos observar entre capa, miolo e quarta-capa. No livro, cada elemento de sua composição participa do todo da narrativa. Esta, prioritariamente visual, se completa com breves – mas cruciais – passagens de dois narradores distintos, no início e no final.

Na quarta capa, o depoimento é de D. Augusta, mãe do autor e moradora do quilombo, aos 90 anos, e acrescenta novas camadas à leitura. Sua voz e sua memória fazem toda a diferença para compreender a experiência retratada. *Bateção* pode ser visto tanto como um livro informativo quanto como uma narrativa visual-literária. É obra híbrida de altíssima qualidade, que dá visibilidade a um modo de vida e a conhecimentos tradicionais, revelando uma convivência harmônica e respeitosa do ser humano com a natureza. **[Ana Carolina Carvalho]**

BIGURU

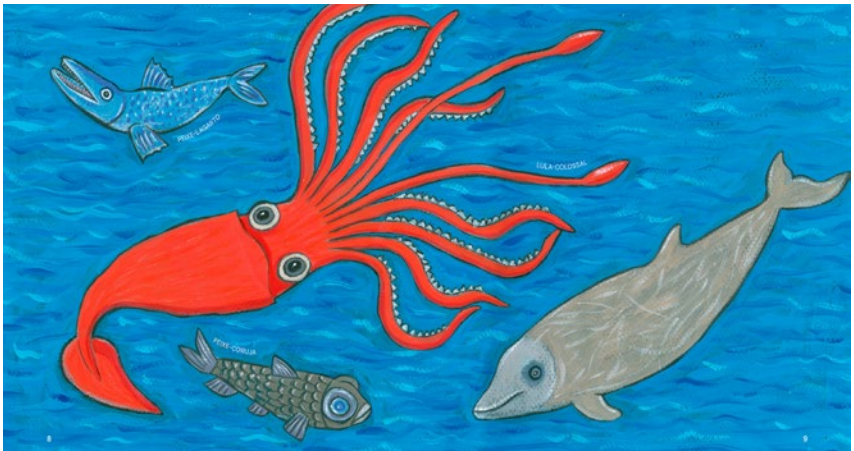
Autoria: **Eva Potiguara e Lumina Pirilampus**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Lá da terra dos Poti, no agreste potiguar, a menina Biguru chega para nos contar um mundo, e um jeito de viver. É o mundo da sua infância junto com o mundo da sua avó Suzana e o jeito de viver o dia a dia de uma família e de um povo.

Esse mundo que a menina enxerga e nos apresenta gira em torno do barro e do seu encanto com as muitas habilidades da avó, que se agiganta diante dos seus olhos curiosos. A avó é uma fonte de sabedoria, força e ternura em sintonia com a vida cotidiana.

É com a avó que Biguru aprende a moldar o barro e fazer sua primeira panelinha. É com ela que Biguru observa e presta atenção no canto dos passarinhos, das cigarras e dos grilos. É na companhia da avó e do avô que Biguru se delicia com o cuscuz de milho encharcado de leite de coco. É para a avó que Biguru um dia, quando vira kunhã, escreve um poema.

Com uma abordagem poética e lírica, este livro se destaca como um contraponto a obras de caráter mais prescritivo ou estruturadas como manuais informativos sobre culturas indígenas. A integração entre a riqueza do texto de Eva Potiguara e as ilustrações de Lumina Pirilampus, que remetem à cor e à textura do barro, potencializa ainda mais a leitura e a fruição da história. **[Aurélio de Macedo]**



COLEÇÃO DE SONS DE CECÍLIA

Autoria: **Renata Penzani e Lumina Pirilampus**
Editora: **Cepe Editora**

Na história, Cecília descobre que a audição é o último dos sentidos a se desligar quando alguém morre. Com o avô no hospital, ela decide montar uma coleção de sons capaz de estender sua presença por mais tempo, uma ideia próxima do clássico personagem Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Mas seu inventário reúne apenas sons: desde o chiado do alho e da cebola na panela até o canto das baleias no oceano. Cecília transforma ruídos e vozes do cotidiano em vínculo.

Como tema sensível, o livro aborda a morte de um ente querido, o avô, a partir do olhar da menina, situação comum para muitas crianças. A sensibilidade que o tema exige aparece na metáfora escolhida pelas autoras de trazer a escuta sem recorrer a soluções prontas para o luto. A lista de sons organiza, para Cecília, aquilo que ainda não é dito com palavras. “Escutar mantém a gente vivo.”

As ilustrações de Lumina Pirilampus, artista visual e pesquisadora do livro para a infância, combinam pintura, recortes e texturas para dar forma ao que, por natureza, não se vê, se escuta. Na capa, uma vitrola antiga, com teclas de piano na gaveta, faz brotar um buquê de tiras coloridas, enquanto um pequeno pássaro pousa ao lado. Os sons se materializam nas imagens. Despertador, rádio, telefone, bicicleta, trem, panela, torneira, câmera, bichos se espalham sobre o fundo pêssego como em um catálogo de colecionador, convidando o leitor a escutar com os olhos e ampliar os sentidos.

Ao confiar na capacidade das crianças de lidar com a finitude por meio da linguagem artística, *Coleção de sons de Cecília* oferece uma leitura sensível e consistente. Memória e afeto se articulam entre texto e imagem tornando-se audíveis firmando-se como uma obra arrebatadora. **[Camila Petrovitch]**

Ilustração para
Abissais – Outro planeta dentro do nosso

O MUNDO É UM OVO

Autoria: **Renato Moriconi**
Editora: **Jujuba**

Na obra *A clarividência*, René Magritte dá vida a uma cena dentro de outra cena. Nesse autorretrato de 1936, o próprio artista aparece pintando um pássaro, mas o que interessa ainda mais está fora do quadro principal. Isso porque, em vez de se deter no que seria a representação fiel do animal, o pintor observa um ovo na mesinha ao lado. Mais que distração, parece ser um método. Lembrou de alguém que você conhece? Pois é.

No livro ilustrado *O mundo é um ovo*, Renato Moriconi talvez esteja brincando (mais uma vez) de ser criança – e de ser Magritte. Nem o ovo nem o mundo contidos no título importam mais que suas inúmeras potencialidades de ser outras coisas. A história aponta para um futuro inventado a cada vez que o leitor abre o livro: tudo recomeça quando o ovo deixa de ser apenas ovo. A cada virada de página, vem um jogo de adivinhação. "Isto é um ovo?", pergunta o livro. Ou seria um óvni? Talvez seja um vovô de óculos. Difícil saber quem começa primeiro, o ovo ou a galinha.

Outros artistas também pintaram ovos em suas criações, como Salvador Dalí em *A metamorfose de Narciso* (1937) ou Bosch em *O jardim das delícias terrenas* (1490-1500). Não seria absurdo imaginar que Moriconi possa ter se lembrado desses e de outros ovos quando fez este livro. Em algumas de suas narrativas anteriores, o artista plástico, escritor e ilustrador busca referências na História da Arte, como *Dia de festa* (Pequena Zahar, 2017) e *Bocejo* (Companhia das Letrinhas, 2012). Em *O mundo é um ovo,* que integra a Coleção Literatura de Colo da editora Jujuba, a brincadeira metalinguística entre as artes visuais e a literatura se apura à altura da sensibilidade dos primeiros leitores, os bebês de zero a três anos – sem deixar de lado a interlocução com a infância dos adultos. Afinal, imaginar justamente o que não está a partir daquilo que está bem diante dos nossos olhos é uma curiosidade sem idade. **[Renata Penzani]**

ÁGUA

Autoria: **Lucid Fall e Suzy Lee**
Editora: **Caixote**

O que pode um corpo? Um corpo-livro? Esta é uma obra que testa perguntas como essa – não para respondê-las, mas para se colocar em compasso com elas. Como em uma dança. A narrativa visual de Suzy Lee transforma em visualidade a canção *Dream to be water,* do artista sul-coreano Lucid Fall, e aposta na intermidialidade para contar essa história. O enredo começa com uma cadeira de rodas ao lado de uma estante de acessórios de natação. Na próxima cena, uma criança está à beira da piscina. "Já pensou virar água?", diz o texto, sugerindo uma imersão em pensamentos.

O desenrolar da trama convida o próprio objeto livro a fluir e experimentar as muitas formas da água: rio, mar, chuva. Em uma coreografia ritmada por múltiplas linguagens, texto, imagem e materialidade se unem para entoar uma canção que ressoa como uma pedra que alguém lança em um lago. Ou melhor: como música que vibra na superfície da água e encontra no leitor uma extensão do seu próprio corpo.

E, assim como um som só se produz pelo contato, a história aqui só se desdobra quando é aberta pelas mãos do leitor. Metros e metros de livro sanfonado (ou seriam um acordeão?) ganham a dimensão quase concreta de uma correnteza, e transformam a leitura em uma experiência multidimensional: enquanto a música flui no tempo, o livro se prolonga no espaço. Quanto a nós, aprendemos com a água a soltar o corpo do livro, deixá-lo vir-a-ser outras possibilidades. **[Renata Penzani]**



Ilustração para
Teko hypy a origem do mundo

ESCOLHA UMA PALAVRA

Autoria: **Marília Garcia e Lígia Franchini**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Um livro de poemas tocante!
A originalidade e a criatividade, tanto no texto como nas ilustrações, são destaques na obra. O convite, a imaginação e a ludicidade estão presentes o tempo todo.

Qual palavra poderia entrar agora na nossa história?

De forma sensível, os poemas brincam com as palavras e as imagens. Há um entrelaçamento entre o texto verbal, imagético e o projeto gráfico. A narrativa visual e poética mantém uma coerência com sentido. A leitura acompanha o formato vertical do livro e as palavras escolhidas de cada página são destacadas de diversas formas. As imagens grandes ocupam as páginas inteiras e trazem pequenos detalhes criativos que se relacionam com aquela palavra. Cada detalhe da ilustração é um aprofundamento de leitura. Emocionante, nos move para novas sensações.

Uma construção inteligente com ilustrações belíssimas, que vazam de uma página à outra, expandido a palavra com a qual se faz poesia.

Um livro de poemas para todas as idades. Esta é a primeira obra para as infâncias escrita pela premiada poeta Marília Garcia. As imagens de Ligia Franchini ressaltam a originalidade da comunicação de um livro ilustrado. **[Lícia Breim]**



Ilustração para
O plural de guarda-chuva

ASTRO

Autoria: **Manuel Marsol**
Tradução: **Laís Varizi**
Editora: **Baião**

"De que serve estarmos vivos?"
"O que há no fim de todas as coisas?"

Entre 2013 e 2023, o espanhol Manuel Marsol criou *Astro,* uma narrativa que une a exploração espacial a reflexões sobre o luto, a memória e a permanência dos vínculos afetivos. Um dos aspectos mais singulares da obra está na perspectiva narrativa: a história é contada pelo amigo alienígena de Astro, que, de um lugar e de um tempo indefinidos, rememora o período em que viveram juntos em seu planeta. É a voz daquele que partiu que conduz a narrativa, revelando ao leitor como a relação entre os dois foi se construindo: primeiro, a curiosidade e o estranhamento. Depois, a cumplicidade e a amizade. O desejo de explorar o mundo e a capacidade de surpreender-se, diante dele, são algumas das marcas desse vínculo, que se fortaleceu na descoberta compartilhada e na experiência de estar junto.

Embora o luto esteja presente em muitos livros destinados às crianças, *Astro* se distingue pela amplitude com que aborda essa experiência. Para além da tristeza e da saudade, acolhe os desconfortos frente ao desconhecido e aos questionamentos ligados à perda de alguém querido. Sem oferecer respostas, a obra confia na inteligência e na sensibilidade do leitor, convidando-o a se aproximar dos mistérios da existência e a conviver com aquilo que permanece sem explicação.



Ilustração para
Como fazer balas mágicas



As ilustrações combinam pintura, desenho e colagem, na criação de um universo enigmático, vasto e poético, povoado por criaturas curiosas e paisagens surpreendentes. A articulação dessas técnicas confere às imagens uma materialidade singular e constitui mais um aspecto marcante da obra. Esse reconhecimento também se expressa na trajetória do livro: em 2014, cinco de suas ilustrações foram selecionadas para a mostra da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha e, em 2024, a obra integrou o catálogo White Ravens. As formas sinuosas das rochas, as cores e os espaços imensos evocam a paisagem de um planeta desconhecido e ampliam as possibilidades de leitura. O formato horizontal do livro reforça essa construção visual, favorecendo tanto a representação da vastidão espacial quanto os movimentos dos personagens, especialmente nas cenas em que correm, brincam e nadam juntos.

Outro aspecto que merece atenção é a tipografia, tão pequena e delicada que parece sussurrar ao leitor um convite à aproximação. É preciso chegar mais perto, deter o olhar, percorrer as páginas sem pressa e descobrir os detalhes que habitam cada imagem. Como se a própria dimensão das letras nos convidasse a inclinar o corpo e a imaginação, o livro pede uma leitura atenta, contemplativa.

Ao aproximar a aventura espacial de questões transcendentais, Manuel Marsol constrói uma obra que reconhece nas crianças a capacidade de formular grandes perguntas e de se deixar atravessar por elas. Um livro que nos lembra que, diante do desconhecido, talvez mais importante do que encontrar respostas seja preservar a curiosidade, a capacidade de admirar e os laços que continuam a nos acompanhar, mesmo quando aqueles que amamos já não estão ao nosso lado. **[Bárbara Passos]**

O RIO INFINITO

Autoria: **Mia Couto e Danuta Wojciechowska**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

O rio infinito traz a história de uma família que vivia em uma pequena aldeia. Na narrativa, a mãe, Kianda, sai para cultivar alimentos, enquanto o pai permanece em casa e, durante a noite, cria esculturas com o material que os filhos recolheram na margem do rio. Durante a madrugada, as peças acordavam e ganhavam vida. E assim a narrativa transcorre, até o momento em que o dia não nasce mais e a terra fria é tomada pelo escuro. A família achava que era o fim do mundo, o que, na verdade, era a necessidade de alimentar as crianças com contos. Quando estes se esgotam, Kianda sai mundo afora em busca de novas histórias. Sua jornada é intensa e a solução é encontrada no fundo do mar. A mãe negocia com os habitantes do fundo do oceano uma troca: a mulher traria algo interessante de seu mundo, e os habitantes do fundo do mar contariam histórias.

A mãe leva para o fundo do oceano as esculturas do marido e traz consigo um enorme búzio que contava inúmeras histórias, bastando apenas colocá-lo no ouvido. A pequena história traz reflexões sobre a função da mulher nas culturas africanas, a oralidade na manutenção de culturas e valores sociais e a confluência entre comunidades distintas.

Na narrativa, os dois mundos, terra de Kianda e o mar dos peixes, se salvam pela oralidade, sem sobreposições ou domínio, mas em comunhão, diálogo e respeito. Quanto à ilustração, Wojciechowska contribui para a remontagem do contexto da história ao optar por cores terrosas (amarelo, alaranjado, vermelho tijolo e marrom) para expressar o mundo da aldeia. Quando Kianda inicia sua jornada, as cores terrosas são conjugadas, paulatinamente, com os tons azulados que se

acentuam à medida que se aproxima do fundo do oceano. No fundo do mar, há uma retomada das cores terrosas, apontando o dialogismo e a interação entre os dois mundos. Há uma leve corrente de ar azulada que liga as esculturas e o búzio gigante, apontando a confluência, o dialogismo e a relação de horizontalidade entre os dois mundos, suas histórias, culturas e valores.

A última ilustração é uma abundância de cores quentes, especialmente o amarelo e o alaranjado. Nesse fundo quente há a silhueta de animais e pessoas com tons azulados e tons terrosos. Mais uma vez, a ilustradora soube traduzir por meio das imagens, o que Mia Couto concebe como interação entre mundos que, aparentemente, são opostos (terra e água). *O rio infinito* desperta o olhar do leitor para um mundo sem fronteiras preconceituosas em que seja necessário a submissão de um povo para o sucesso de outro. **[Érica Luciana]**



PÁSSARO PRETO

Autoria: **Suzy Lee**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Uma menina ouve, pela fresta de uma porta, os pais discutindo. Embora não participe da conversa, percebe o conflito e seus efeitos sobre a vida familiar. É nesse contexto que aparece um pássaro preto que cresce ao longo do livro e a conduz para fora de casa, por diferentes paisagens.

Publicado originalmente na Coreia em 2007, *Pássaro preto* é uma das primeiras obras de Suzy Lee. Nas litografias em P&B, o preto assume diferentes formas e funções: pode ser sombra, paisagem, céu ou plumagem, contribuindo para expressar mudanças de atmosfera e de estado emocional. O texto verbal em primeira pessoa é breve, direto, descritivo e imagético: grande parte da narrativa se constrói na relação entre as imagens e os vazios deixados pelas palavras.

O percurso da menina com o pássaro não modifica o que acontece entre os pais, mas desloca sua posição diante daquilo que ela presencia, ampliando uma experiência em que silêncio e imaginação sustentam o que ainda poderá ser dito e compreendido. A obra confia na capacidade dos jovens leitores em acompanhar tensões, ambiguidades e silêncios, articulando texto, imagem e objeto de modo consistente. Por essa complexidade formal e pela maneira como trata a experiência infantil sem simplificá-la, *Pássaro preto* se destaca como uma obra arrebatadora.
[Carolina P. Fedatto]

Ilustração para
É pico!

JIM

Autoria: **François Schuiten**
Editora**: Livros da Raposa Vermelha**

Depois da morte de seu cão e companheiro de treze anos, François Schuiten passou a desenhá-lo diariamente. Desse gesto nasceu *Jim*: uma sequência de imagens e textos breves em que o autor acompanha a ausência deixada pelo animal e recupera cenas da convivência compartilhada.

François Schuiten é um dos nomes importantes da HQ franco-belga contemporânea, tendo recebido em 2002 o Grande Prêmio do Festival de Angoulême. Sua obra também se estende à cenografia, à arquitetura e ao desenho de espaços públicos.

Neste livro, ele produz uma narrativa íntima em que a prática do desenho em preto e branco assume o protagonismo na elaboração de uma perda. Jim aparece em situações corriqueiras, em gestos e situações que viveram juntos, e também como presença evocada pela memória ou pelo desejo de que o companheiro ainda estivesse ali. É nessa capacidade de transformar uma experiência particular em algo compartilhável que o livro arrebata os leitores.

O projeto gráfico incorpora pequenas vinhetas de Jim nas páginas da esquerda, que, folheadas em sequência, produzem um movimento semelhante ao de um pequeno filme, restituindo um movimento de vida ao cão. Ao final, desenhos oferecidos por amigos do autor prolongam a homenagem e inscrevem a memória do cão num campo mais comunitário. **[Carolina P. Fedatto]**



FLORESTA DO MOFO DOURADO

Autoria: **Seungyoun Lee**
Editora: **Hello Amelí**

Enquanto espera a mãe na saída da escola, em um dia de chuva, Dourado encontra um cogumelo brotando em um degrau. Entre o sono e a vigília, esse encontro o conduz a uma floresta habitada por fungos, musgos e criaturas de formas pouco familiares. Em meio a sons e sussurros, organismos minúsculos assumem proporções imensas, enquanto a paisagem se transforma diante dos olhos do menino.

Essa transformação ganha expressão nas ilustrações de Seungyoun Lee, artista plástica, ilustradora e escritora sul-coreana reconhecida internacionalmente, cuja pesquisa com a gravura se manifesta na profusão de linhas e padrões que compõem as páginas. A edição em capa dura, com impressão e acabamento apurados, valoriza as composições, enquanto o projeto gráfico alterna imagens densas com outras de maior respiro. As belas guardas ilustradas e a sequência de páginas duplas em preto e branco, que sucede a narrativa, prolongam esse trabalho visual e fazem da materialidade do livro parte da experiência de leitura.

A viagem de Dourado nos leva a um reino que não é animal nem vegetal, habitado por seres cuja existência se entrelaça à de tantos outros. Como revela o próprio livro, os fungos participam dos processos de decomposição e renovação da vida, estabelecendo relações das quais também fazemos parte. Ao transformar esse universo em matéria de ficção, Seungyoun Lee aproxima a curiosidade de outras maneiras de existir e de co-habitar o planeta, permitindo que o conhecimento sobre o mundo vivo se encontre com uma experiência de imaginação e encantamento diante da vida em suas muitas formas. **[Thaís Caramico]**



Ilustração para
Umami



NASCIDOS PARA LER – MIUDEZAS DA NOSSA FLORESTA

Autoria: **Autoria coletiva e Mariana Zanetti**
Editora: **Selo Emília & Ibeac**

Do território de Parelheiros, apresentado em *Nascidos para Ler – No melhor lugar para se viver,* seguimos agora para os quintais, as plantas, as árvores e os pequenos seres que os habitam, em *Nascidos para Ler – Miudezas da nossa floresta.* Obra de autoria coletiva, este livro reúne olhares, vozes e experiências de uma comunidade, revelando a riqueza natural e cultural de Parelheiros, bairro do extremo sul da cidade de São Paulo. Em suas páginas, encontramos as marcas das crianças que ilustraram os quintais e os versos dos agentes comunitários que registraram, em palavras, as múltiplas formas de vida dessa floresta paulistana.

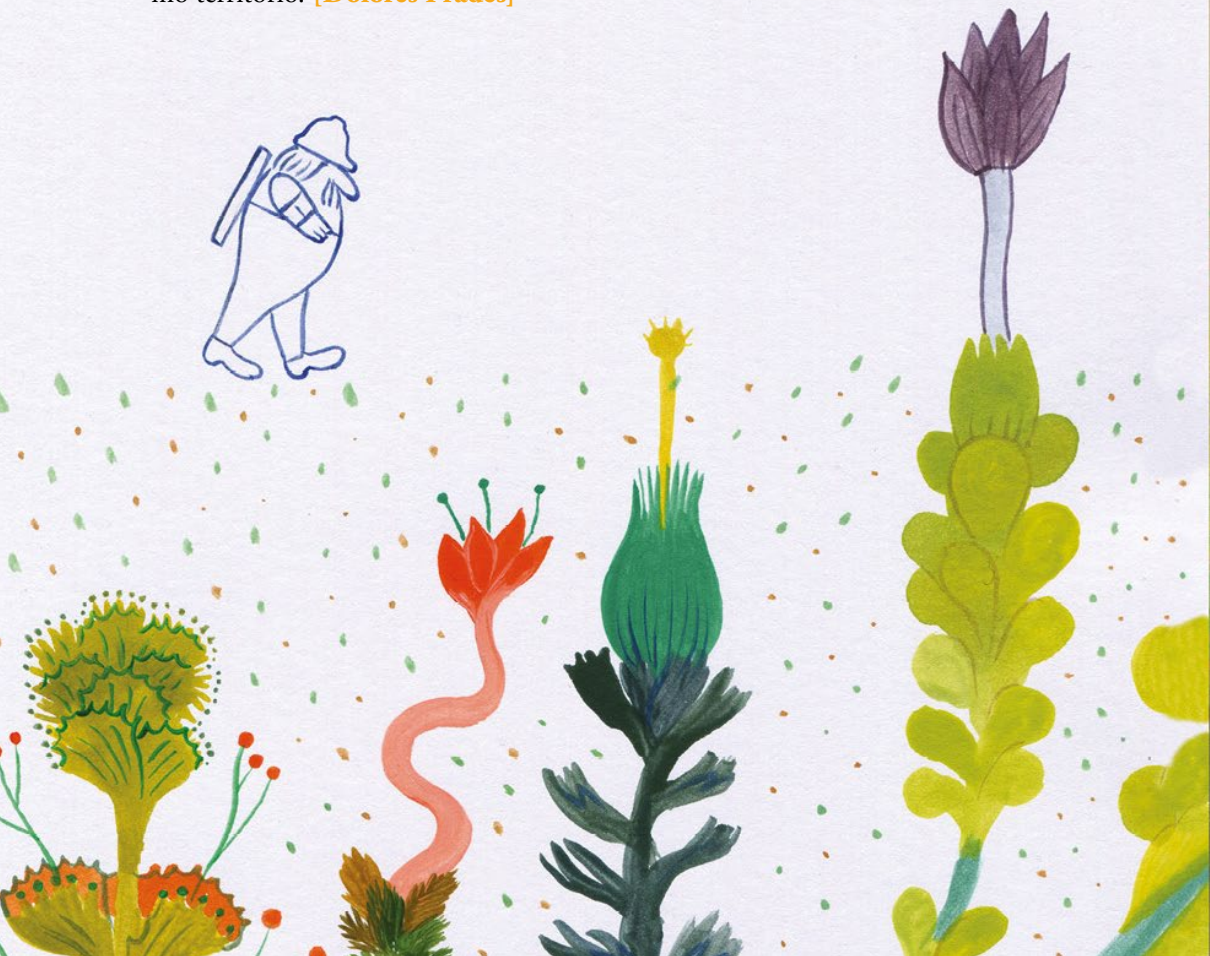
Com Lúcia Hiratsuka na condução da produção dos textos, Mariana Zanetti no trabalho com as ilustrações das crianças e Raquel Matsushita no projeto gráfico, este segundo volume da coleção Nascidos para Ler constrói, com força e sensibilidade, um retrato poético de um território e de sua comunidade. Pertencimento e respeito são duas palavras que atravessam a obra: pertencimento a um lugar, à sua memória e às suas histórias; respeito à natureza, às diferentes formas de vida e aos saberes de quem ali vive.

Tudo isso se realiza com uma delicadeza singular, em uma linguagem simples, que encontra na poesia sua maior força expressiva. Destinado a todos os leitores, mas tendo como primeiros destinatários os bebês que nascem em Parelheiros, convidados, desde o início da vida, a descobrir e reconhecer a riqueza do território ao qual pertencem, este livro é, sobretudo, uma aposta na força da literatura.

Ilustração para
Coleção de sons de Cecília

Fruto de um projeto coordenado pelo Ibeac e pelo Instituto Emília, com o apoio do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento (CPCD), *Miudezas da nossa floresta* se destaca pela originalidade de sua concepção e pela elevada qualidade de sua realização textual e visual.

Vale ainda registrar uma dimensão fundamental dessa iniciativa: trata-se de um projeto social, cuja arrecadação com a venda dos exemplares será integralmente destinada à futura construção da Biblioteca Caminhos da Leitura, em Parelheiros. Assim, o livro não apenas celebra um território e sua comunidade, como também contribui concretamente para ampliar o acesso à leitura e à literatura nesse mesmo território. **[Dolores Prades]**



A PEQUENA RAINHA

Autoria: **Bruna Lubambo**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Em *A pequena rainha*, Bruna Lubambo nos apresenta uma menina que constrói seu próprio castelo de papel e convida os amigos para a inauguração. Mas com uma condição: que tudo aconteça segundo suas regras. No entanto a cada brincadeira, um convidado deixa a festa, num enredo que incorpora a estrutura cumulativa e decrescente inspirada nas cantigas de tangolomango, até que a pequena rainha se percebe sozinha.

Texto, imagem e construção material do cenário partem de um mesmo gesto: dobrar, recortar, montar, desmontar. A autora criou as ilustrações a partir de estruturas tridimensionais de papel, fotografadas com atenção às sombras e aos volumes, retomando uma pesquisa inspirada no teatro de bonecos e desenvolvida com procedimentos próximos ao *kirigami*, técnica de origem japonesa que combina dobras e cortes para criar formas e relevos.

As rimas, repetições, contagens e estruturas próprias das cantigas e parlendas aproximam o texto da tradição oral e convidam à leitura em voz alta. Nesse jogo, a rainha é uma criança que experimenta as possibilidades e os limites de comandar uma brincadeira. À medida que os convidados se afastam, ela percebe as consequências das regras que criou e começa a reconsiderar suas escolhas. O interessante é que essa transformação acontece no interior da própria brincadeira, sem interromper o movimento lúdico da narrativa. Ao articular oralidade, cultura popular, experimentação gráfica e construção narrativa, *A pequena rainha* oferece uma experiência de leitura inventiva e consistente, que justifica sua presença entre os imperdíveis. **[Carolina P. Fedatto]**

Ilustração para
O construtor de muros

DRAGÃO, QUE DRAGÃO?

Autoria: **Telma Braga e Rodrigo Andrade**
Editora: **Caixote**

A escritora estadunidense Ursula K. Le Guin, na coletânea *The Wave in the Mind: Talks and Essays on the Writer, the Reader, and the Imagination* (2004) — ainda sem tradução oficial publicada no Brasil —, afirma que aqueles que negam a existência de dragões são frequentemente devorados por eles, de dentro para fora. A reflexão é escolhida como epígrafe e transita muito bem entre a literalidade e a abstração em *Dragão, que dragão?*, de Telma Braga, com ilustrações de Rodrigo Andrade.

Na história, uma menina tenta alertar os pais sobre a presença de um enorme dragão em casa. Mas, entre afazeres e distrações, os adultos não parecem capazes de enxergar aquilo que, para ela, é tão evidente.

Com uma narrativa bem-humorada, construída a partir da repetição, do diálogo com o leitor e de situações que desafiam a lógica adulta, o livro faz da imaginação o fio da história. A cada página, a presença do dragão se torna mais incontornável, embora os pais permaneçam de olhos fechados — uma escolha visual de Rodrigo Andrade que traduz, com inteligência, a distância entre os mundos da infância e da vida adulta, mas, sobretudo, a decisão de não escutar, apesar de todo o afeto nas relações. O desfecho, surpreendente, reserva ao leitor uma participação especial na construção de sentidos.

Os traços expressivos, as cores, o movimento e a ocupação das páginas ampliam a narrativa e dão materialidade à criatura, que parece interferir cada vez mais no espaço doméstico. Há também uma cuidadosa composição de detalhes: um exemplar do livro *A vida não me assusta*, de Maya Angelou, com ilustrações assinadas por Jean-Michel Basquiat, na mesa de cabeceira, sugere referências e traços da personalidade da protagonista. Até os brinquedos espalhados pela casa — um trator e uma bola de basquete, entre eles — ajudam a romper expectativas de gênero.

Ilustração para
Rio Infinito

Em sua aparente simplicidade, *Dragão, que dragão?* convida leitores a refletir sobre o que escolhemos ver e deixar de ver. Um livro que reivindica a relevância da imaginação e lembra que, às vezes, é preciso abrir os olhos para conseguir enxergar. **[Milena Buarque]**



MENINO ONÇA, ONÇA MENINO

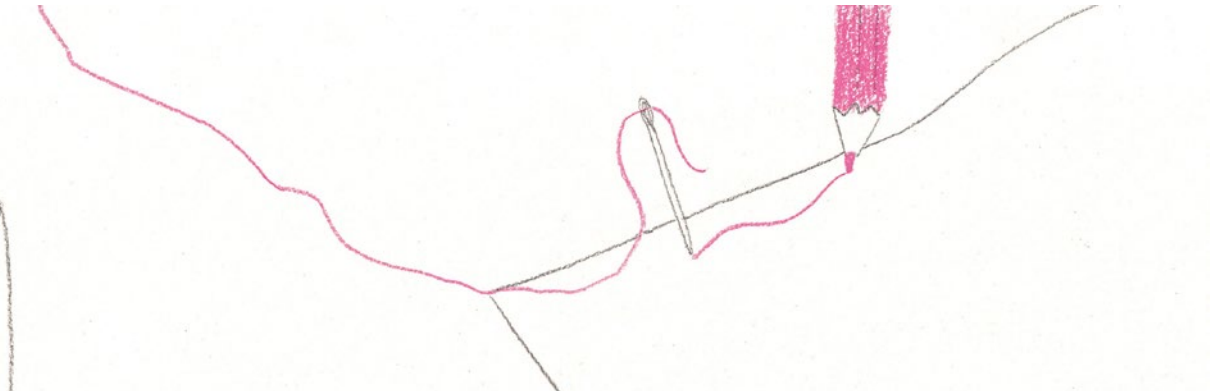
Autoria: **Nara Aragão e Renata Roberta e Guilherme Lira**
Editora: **Boitatá**

Os recifenses Nara Aragão, Renata Roberta e Guilherme Lira construíram juntos esta primeira peça de um projeto multimídia que inclui também um curta-metragem e uma série de animações para a TV. Em *Menino Onça, Onça Menino*, somos apresentados a três personagens: o menino, a onça e a mata.

Kiné e Marzul percorrem a mata de Mungará atrás de seus sonhos, nessa autointitulada fábula contemporânea. Kiné é menino, mas também é onça; Marzul é onça, mas também é menino; e Mungará é mata, mas também é personagem. Essa troca constante, já espelhada no título, desfaz fronteiras e nos faz perceber que há muito de menino na onça, e muito de onça no menino. O livro brinca com a busca pela felicidade, fala da alegria de procurar e das amizades possíveis entre os diferentes.

O texto de Nara e Renata é rítmico, poético, próximo da oralidade e trabalha com repetições. As ilustrações de Guilherme, de cores vivas e estética cordelista, dialogam com a fauna e a flora brasileiras e nos levam por diferentes biomas do país, tornando o livro ainda mais brasileiro. Na parceria entre texto e imagem, a mata ganha vida de personagem e nos aproxima de Marzul e Kiné.

Um livro que nos faz entrar em Mungará, junto com menino e onça.
[Lara Rakel Trindade]



ABISSAIS: OUTRO PLANETA DENTRO DO NOSSO

Autoria: **Lázaro Simões Neto e Laura Beatriz**
Editora: **Peirópolis**

Na capa, entre outros seres curiosos, a baleia-nariz-de-garrafa fita o leitor. O título, *Abissais*, chama a atenção pelas formas irregulares e onduladas das letras, que parecem oscilar como as águas do oceano. Com traços sinuosos e contornos instáveis, as letras evocam o movimento das correntes marítimas e criam uma sensação de fluidez, como se estivessem submersas e balançassem ao sabor das águas. Essa escolha tipográfica reforça a atmosfera misteriosa do fundo do mar e sugere, visualmente, a experiência de um mergulho em um universo desconhecido, convidando o leitor a explorar as profundezas e seus seres fantásticos.

Ao movimentar a capa e percorrer as primeiras páginas deste livro, o leitor se depara com o Anjo-do-mar (Clione limacina) e, logo abaixo de sua imagem, com a seguinte afirmação: "A natureza não escolhe lugar para encantar". É justamente, nas profundezas oceânicas, a milhares de metros abaixo da superfície, onde a luz do sol já não alcança e o silêncio parece absoluto, que essa afirmação ganha vida.

Neste livro de não ficção, a renomada dupla brasileira, Lalau e Laurabeatriz, que celebrou três décadas de parceria, em 2024, convida o leitor a explorar, por meio de uma pesquisa cuidadosa e fascinante, um universo ainda pouco conhecido.

As ilustrações de Laurabeatriz dão forma e expressão às criaturas misteriosas, enquanto o texto poético de Lalau conduz a uma viagem pelas profundezas, apresentando moluscos fantasmagóricos, peixes de anatomia inusitada e monstros marinhos que habitam a mitologia.

Nas páginas finais, além de um índice com os nomes científicos das criaturas abissais, apresentadas ao longo do livro, o leitor encontra textos complementares que revelam outras curiosidades sobre esse universo encantador. Entre elas, está o

Ilustração para
Coisa sim, coisa não

conceito de *bioluminescência,* definido como a "capacidade que algumas dessas criaturas têm de produzir luz por meio de reações químicas que ocorrem no próprio corpo. Essa luz é utilizada para iluminar os caminhos por onde nadam, servir como isca para caçar suas presas, confundir inimigos ou atrair outra criatura para o acasalamento".

Assim, entre ciência, poesia e imaginação, *Abissais* revela que há beleza e encantamento, mesmo nos lugares mais remotos e desconhecidos do planeta. Afinal, até onde a luz do sol não chega, a natureza encontra outras maneiras próprias de brilhar. **[Bárbara Franceli Passos]**



AGUEIRO

Autoria: **Patricia Auerbach e Roberta Asse**
Editora: **FTD Educação**

No Pantanal, o tempo das férias escolares acompanha os movimentos da água, que transforma a paisagem e interfere nos caminhos, nas brincadeiras e na vida cotidiana. É nesse território que *Agueiro* situa sua narrativa visual, seguindo a experiência de duas crianças em meio aos ciclos de cheia e seca. Sem recorrer à linguagem verbal, o livro encontra na sucessão das imagens uma maneira de narrar a passagem do tempo e a convivência entre a infância e o ambiente.

A organização das páginas duplas, com a retomada de lugares e enquadramentos, permite perceber como pequenas variações entre as cenas produzem sentidos. A água avança e recua, os animais ocupam diferentes espaços e os acontecimentos se articulam em uma sequência que exige atenção tanto ao que está representado quanto aos intervalos entre as imagens. Ao confiar aos leitores a construção de continuidades e relações temporais, a obra valoriza uma das possibilidades mais interessantes do livro-imagem – a participação ativa de quem lê na elaboração da narrativa.

A experiência das crianças ribeirinhas não se apresenta separada do território que habitam. O rio participa da organização do cotidiano, modifica as possibilidades de circulação e estabelece vínculos entre pessoas, animais e paisagem. A água, portanto, constitui um elemento estruturante da narrativa, tornando visível uma infância vivida em relação com os ciclos naturais.

Nas páginas finais, o relato sobre a aproximação das autoras com crianças e educadores do Acaia Pantanal acrescenta outra dimensão à leitura, situando a criação artística sensível em diálogo com experiências daquele território que parece ter um relógio próprio: o tempo das marés. **[Thais Caramico]**

Ilustração para
Labareda

QUEM QUER BRINCAR DE BOLA?

Autoria: **Maria Carolina Marchi**
Editora: **Pallas Editora**

João queria brincar de bola. E nada melhor do que um domingo para reunir todo mundo na quadra. Mas onde estava seu time?

Ao movimentar a capa e abrir o livro, o leitor se depara com a imagem de uma pipa solta no céu azul, acompanhada da afirmação de que "ver o mundo através dos olhos das crianças possibilita inventar e ler a realidade a partir das lógicas de saberes encantados".

Essa perspectiva conduz a narrativa e convida o leitor a mergulhar no universo das infâncias brasileiras, no qual situações cotidianas ganham novos significados e um simples chamado para brincar pode se transformar em uma oportunidade de encontro, partilha e fortalecimento dos vínculos entre pessoas que compartilham a vida em comunidade.

Com um olhar poético e atento às sutilezas do cotidiano, a autora paulista Maria Carolina Marchi revela a beleza presente nas cenas mais corriqueiras. Varais estendidos entre as casas, plantas nos quintais, fachadas coloridas, bicicletas, bolas e pequenos objetos que compõem os espaços de convivência ganham destaque em ilustrações inspiradas em registros fotográficos, aproximando o leitor dos ambientes e das experiências abordadas.

A riqueza de detalhes, a composição das cenas e a expressividade dos personagens conferem às imagens uma dimensão documental, sem lhes retirar a delicadeza e o encantamento. Entre quintais, feiras livres e praias, surgem diferentes paisagens, corpos, costumes e modos de viver as infâncias, compondo um retrato plural e afetivo do cotidiano brasileiro.

Ilustração para
Escolha uma palavra

A quietude de um domingo, a espera por um companheiro de brincadeira e os vestígios da vida cotidiana ganham novos significados e revelam que a infância também se constrói nesses pequenos acontecimentos. Mais do que acompanhar a procura de João por um time, o livro celebra a brincadeira como experiência de encontro, liberdade e criação de vínculos. Com sensibilidade e delicadeza, a autora transforma o ordinário em poesia e nos lembra da importância de compartilhar espaços, experiências e afetos.

A obra *Quem quer brincar de bola?* foi selecionada pelo 1º Prêmio Filex de Ilustração e participou de exposições em Bolonha e Barcelona.
[Bárbara Franceli Passos]



COMO NASCERAM AS ESTRELAS

Autoria: **Poonam Mistry**
Editora: **Raposa vermelha**

São muitas as narrativas de tradição popular que buscam uma explicação para o surgimento das coisas mais misteriosas que fazem parte da existência humana. De onde viemos? Como surgiu a natureza? O que veio antes de nós? E as estrelas? Como surgiram no céu? Esta última questão, a busca por uma explicação sobre as brilhantes estrelas do firmamento, está no centro da narrativa ilustrada de forma intensa por Poonam Mistry, autora que vive no Reino Unido, mas tem fortes raízes indianas, como ela mesma indica no seu *site* pessoal (www.poonam-mistry.com).

O primeiro ponto de atenção do livro é a maneira pela qual Poonam ilustra a narrativa sobre o surgimento das estrelas; as páginas são totalmente preenchidas por representações permeadas de detalhes, cores iluminadas e padrões especialmente encaixados em cada espaço das páginas. Folhear esta obra gera um deslumbramento; os olhos buscam pontos nos quais apoiar-se e contemplar, e há uma imensidão de possibilidades bastante semelhante ao olhar que percorre um céu estrelado. O trabalho de cores, detalhes, luz e sombra, preenchimento sólido e detalhado proporciona uma apreciação que certamente gera leituras distintas a partir do que cada mirada consegue apropriar-se.

O texto em si apresenta uma lenda na qual as estrelas surgem a partir da relação de sua filha e seu pai pescador, e a necessidade de iluminar os caminhos, contando com a ajuda do sol e da aura de encantamento e mistério que permitem adentrar no mistério do surgimento das estrelas. A menina procura luz, encontra estrelas e quer encaixá-las no céu, até que um novo personagem dificulta a ordenação cuidadosa do brilho no céu e gera novas possibilidades para que o céu ganhe seus contornos iluminados que permitem ao pai pescador, guiar-se no mar e achar o caminho para casa. O texto e o deslumbre de imagens vão formando possibilidades de avanço e de paradas na narrativa para contemplar a imensidão presente no céu.
[Miruna Kayano Genoino]

Ilustração para
Dragão, que dragão



POR MIL BLUSAS POR DIA

Autoria: **Serena Ballista e Sonia Maria Luce Possentini**
Editora: **Palavras Educação**

Publicado originalmente em italiano, e ganhador da categoria de Não ficção dos Bologna Ragazzi Awards de 2026, este livro conta como 129 meninas e mulheres perderam a vida no famoso incêndio da Triangle Shirtwaist Factory de Nova York, no dia 25 de março de 1911. Foi o acidente industrial mais catastrófico da cidade de NY e comoveu profundamente a opinião pública da época, impulsando a luta pelos direitos feministas e sindicais.

O tema é pesado, mas a lembrança é necessária. Apesar das muitas conquistas (que poderiam ser-nos arrebatadas a qualquer momento), ainda convivemos com cenários parecidos ao descrito no livro em muitos lugares do mundo.

Antes mesmo do texto começar, as deslumbrantes imagens de Possentini, feitas com lápis aquarelado e têmperas, ajudarão a situar-nos: Itália, princípio do século XX, clima de pobreza e melancolia, um navio abarrotado de gente e o oceano. São imagens de tirar o fôlego que combinam o rigor histórico com sensibilidade artística da autora.

A obra tem formato híbrido. Conta uma história real (não ficção) utilizando recursos da literatura ficcional e ilustrações narrativas (álbum ilustrado) e recebe influências do cinema e das novelas gráficas.

O texto é exigente, poético e original. Quem relata a história é uma camisa fabricada na Triangle Shirtwaist. Ela conta muitos anos mais tarde do ocorrido, de maneira desestruturada no tempo, como testemunhou todos aqueles acontecimentos. Viu como as vidas de tantas mulheres e meninas imigrantes, depois de passar pela criva cruel da ilha de Ellis, chegaram a Nova York cheias de sonhos. Como, para sobreviver, aceitaram trabalhos mal remunerados em lugares insalu-

Ilustração para
Frank e Ester

bres, como o do acidente. Descreve como, no dia do incêndio, as trabalhadoras não puderam escapar porque a porta estava trancada e a escada de incêndio quebrada. Muitas delas morreram sufocadas e outras, desesperadas, se jogaram pela janela envoltas em chamas como cometas, e terminaram sobre o asfalto.

O livro também descreve o começo da luta pelos direitos trabalhistas femininos que pediam "Pão e rosas", a sobrevivência, mas também o prazer. As rosas tomam conta de algumas páginas e homenageiam uma das heroínas desta aventura, chamada Rose.

Uma tragédia que poderia ter sido evitada e que ocorreu por culpa de empresários avaros e irresponsáveis que só pensavam no que ganhariam por produzir mil blusas por dia. **[Madalena Elek]**



LEVE-ME AO SEU LÍDER

Autoria: **Afonso Cruz e Mariana Rio**
Adaptação do português de Portugal: **Adriane Piscitelli**
Editora: **Boitatá**

Em *Leve-me ao seu líder*, um menino passeia de bicicleta quando encontra um extraterrestre recém-chegado à Terra. O visitante faz um pedido simples: quer ser levado ao líder daquele lugar. A pergunta desencadeia uma conversa sobre democracia, representação e participação coletiva, pois, na terra do menino, não há uma única pessoa que concentre sozinha todas as decisões.

Integrante da coleção Missão: Democracia, criada pelas edições da Assembleia da República Portuguesa, este livro parte de uma situação fantástica para abordar política fundamental com agudeza e humor. A democracia aparece não como uma palavra abstrata, mas como uma prática feita de perguntas, escolhas, discordâncias, escuta e convivência. Afonso Cruz constrói o diálogo entre as personagens usando exemplos concretos e inesperados e consegue aproximar conceitos como *democracia* e *ditadura* da experiência quotidiana dos leitores mais jovens.

As elegantes ilustrações de Mariana Rio, de cores planas e com pistas cinematográficas, ampliam o jogo entre estranhamento e reconhecimento. A nave, o visitante extraterrestre e o percurso do menino deslocam o tema político para o campo da imaginação, sem esvaziá-lo de complexidade, contrastando uma sociedade em que se pode perguntar, escolher e participar com outra em que as decisões já estão todas dadas de antemão.

Ao transformar democracia em conversa — e não em lição fechada —, o próprio livro evita respostas prontas e confia na inteligência das crianças para pensar a vida em comum. O ritmo do diálogo, a clareza da escrita e a articulação entre texto e imagem fazem da obra uma bela introdução ao tema da participação política, lembrando que viver democraticamente começa na possibilidade de escolha e na responsabilidade compartilhada. **[Dora Batalim Sotto Mayor]**

Ilustração para
Nos fios do invisível

O PRIMEIRO DIA

Autoria: **Henrique Coser Moreira**
Editora: **L&PM**

O primeiro dia evoca a aventura, tantas vezes fantástica, de viver em liberdade. Trata-se de uma obra desdobrável em múltiplas leituras. Nela, podemos reviver o gosto de um dia que, ao contrário das histórias que sempre podem ser lidas outra vez, não se repete. A publicação portuguesa de *O primeiro dia* recebeu diversos prêmios e distinções prestigiadas na cena internacional, como o Prêmio Serpa/Tangerina para Livro Ilustrado, o Selo Cátedra Lusofonia Além-Mar, o The Horn Book Fanfare 2024, o Nami Concours 2023 e a seleção para a Illustrators Exhibition, da Feira Internacional de Bolonha de 2023.

O livro é dividido em quadros sequenciais, ou seja, o que vemos são fragmentos de uma história maior. Nesses contornos delimitados, quem lê é convidado pouco a pouco a desvendar o não dito. As imagens são construídas por uma economia de discurso, em que mostrar menos é imaginar mais. O livro joga com sequenciamentos que oscilam entre o real e o imaginado, o vivido e o sentido. Então, o desejo ganha espaço e se desdobra para além de uma leitura absoluta. Se a criança cria pelo devaneio, o leitor pode ocupar o plano da imaginação, e a infância deixa de ser um tempo apenas cronológico para se transformar em um estar no mundo. **[Renata Penzani]**



VAMOS!

Autoria: **Roger Ycaza**
Editora: **Palavras Educação**

Num tempo em que adultos e crianças vivem experiências cada vez mais solitárias, com menos oportunidades de encontro e convivência, este livro nos convida a redescobrir o prazer, a alegria e a força de estar juntos. Mas também nos lembra de algo essencial: um grupo se constrói a partir das singularidades de cada um. Cada presença importa, cada indivíduo tem seu lugar, e é justamente na convivência entre as diferenças que encontramos a força para seguir em frente.

Roger Ycaza, renomado ilustrador, autor e músico equatoriano, nos presenteia com um livro de poucas palavras e imagens profundamente poéticas. Suas belíssimas ilustrações adquirem uma força expressiva extraordinária no diálogo com a narrativa. Há uma delicadeza nessa composição que valoriza tanto a presença de cada personagem quanto os espaços que os aproximam, fazendo do próprio movimento uma forma de encontro.

Essa valorização da individualidade se reforça no chamamento de cada personagem pelo seu nome. Nomear é reconhecer a existência singular de cada um, afirmar sua presença e seu lugar no grupo. Ao serem chamados, um a um, os personagens deixam de ser apenas parte de um conjunto indistinto: cada um importa, cada um traz consigo sua própria maneira de estar no mundo. E é desse reconhecimento mútuo que nasce a possibilidade de caminhar juntos.

Leve e, ao mesmo tempo, profundo, é um livro tocante, cheio de afeto, que encontra na esperança, na solidariedade e no coletivo sua maior potência. Uma leitura que nos lembra da força e importância de percorrer juntos a caminhada.
[Lícia Breim]

UMA HISTÓRIA COMPRIDA COMO

Autoria: **Pino Tovaglia**
Editora: **Barbante**

São muitos os aspectos que tornam *Uma história comprida como* um livro singular e ajudam a compreender a importância de sua publicação no Brasil.

Pino Tovaglia pertence à geração que contribuiu decisivamente para a consolidação do *design* gráfico moderno na Itália, ao lado de nomes como Bruno Munari. Sua concepção de *design* explorava as relações entre palavra, imagem, forma, ritmo e significado, aproximando a comunicação visual da poesia concreta e da experimentação artística. Uma perspectiva particularmente interessante quando pensamos no livro como objeto visual, em que a tipografia, as imagens e o projeto gráfico não apenas acompanham o conteúdo, como participam ativamente da construção de sentidos.

Criado originalmente para sua filha Irene, o livro permaneceu inédito durante décadas, até ser redescoberto por ela, muitos anos depois da morte do pai. Tratava-se de um conjunto de 24 pranchas desenhadas à mão e unidas por fita adesiva. Todas tinham em comum a representação de elementos alongados: pontes, cachorros compridos, instrumentos musicais e outros objetos que pareciam se estender indefinidamente pelas páginas. O projeto teria sido concebido entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970, embora as circunstâncias exatas de sua criação permaneçam desconhecidas.

Sem palavras e sem uma narrativa linear, *Uma história comprida como* propõe uma brincadeira com as imagens, um verdadeiro livro-jogo visual. O comprimento dos elementos representados funciona como princípio de unidade e, ao mesmo tempo, como ponto de partida para a imaginação. A cada página, o leitor é convidado a estabelecer relações, descobrir aproximações inesperadas e construir seus próprios percursos de leitura. Mais do que apresentar uma história pronta, o livro aposta na participação ativa de quem o lê.

Seu projeto gráfico, de grande simplicidade e rigor formal, trabalha com apenas duas cores, explorando as possibilidades expressivas de uma linguagem visual depurada. Inscreve-se, assim, na melhor tradição italiana de livros para as infâncias, marcada pela experimentação, pela investigação estética e pela liberdade criativa. Uma tradição que rompe com as estruturas convencionais da narrativa e reconhece na criança um leitor capaz de explorar, interpretar e produzir sentidos, sem a necessidade de explicações ou de finalidades pedagógicas previamente estabelecidas.

A publicação brasileira de *Uma história comprida como* representa, portanto, mais do que o resgate de uma obra singular. É também uma oportunidade de reencontro com uma concepção de livro infantil que reconhece a inteligência e a sensibilidade das crianças, valoriza a experimentação artística e confia na liberdade do leitor.

Iniciativas editoriais como esta, que recuperam e colocam novamente em circulação experiências tão inventivas e significativas da história do livro para as infâncias, merecem ser celebradas. **[Dolores Prades]**



COMO FAZER BALAS MÁGICAS

Autoria: **Heena Baek**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Heena Baek é uma das vozes mais originais da literatura infantil contemporânea, especialmente pela maneira como constrói suas narrativas visuais. Escritora, ilustradora e artista visual sul-coreana, foi vencedora do Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA) em 2020, um dos mais importantes reconhecimentos internacionais da literatura para crianças.

Em vez de recorrer apenas ao desenho, Baek cria personagens tridimensionais, modela bonecos, constrói cenários, trabalha a iluminação e fotografa as cenas. O resultado são imagens de grande expressividade, nas quais a materialidade dos objetos e as expressões dos personagens têm um papel decisivo na narrativa.

Sua obra transita entre o cotidiano e o fantástico, frequentemente explorando a solidão, os afetos, as relações familiares e as possibilidades de encontro com o outro. O extraordinário irrompe em situações aparentemente banais, sem que a autora precise explicar ou justificar a presença da fantasia.

Neste livro, após conhecermos o poder das balas-bolinha e seus efeitos na rotina do protagonista Dong-Dong, o mistério por trás dessa curiosa guloseima vem à tona. A autora explora a fantasia sob outra perspectiva, na forma de um guia prático que apresenta o passo a passo para a criação das balas.

Ilustração para
Biguru

Com bom humor e leveza, a narrativa detalha o modo de preparo de uma receita repleta de elementos e comportamentos inusitados, que vão de habilidades corporais a ingredientes pouco convencionais. Trata-se de um convite à inventividade que requer concentração e paciência para respeitar o tempo de preparo e repetir as instruções quantas vezes forem necessárias.

As ilustrações exploram a tridimensionalidade em cada cena, sem perder as nuances que conferem à narrativa um tom acolhedor. Esculpido manualmente, o personagem que executa a receita possui expressões faciais cuidadosamente elaboradas que deixam transparecer os desafios durante o processo de preparo.

Ao virar de página, é possível acompanhar as orientações em uma das páginas e as ilustrações dos passos sendo executados na outra. O tamanho reduzido do livro sugere que esse guia acompanha uma outra história. Quem leu *Balas Mágicas* certamente vai querer conhecer um pouco mais sobre os bastidores desses doces que dão voz aos pensamentos mais íntimos e curiosos de quem ou do que estiver por perto. **[Soraia Ribeiro]**

Ilustração para
Agueiro



PÃO DE NUVEM

Autoria: **Heena Baek**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

O que pode acontecer quando a fantasia irrompe em meio à rotina de uma grande cidade? Diante do caos de uma manhã chuvosa, uma família de gatos encontra uma maneira inusitada de iniciar o dia ao preparar pães de nuvem para o café da manhã.

A partir de então, a narrativa convida seus leitores a embarcarem em uma aventura protagonizada por uma dupla de irmãos gatos, em que as possibilidades imaginativas são surpreendentes, destoando da paisagem apática que serve de pano de fundo à história. De maneira leve e descontraída, é possível acompanhar os personagens e apreciar o cotidiano sob uma perspectiva inusitada: aquela que se descortina acima das nuvens.

Ao acompanhar a família de gatos em meio à agitação urbana e à chuva, a obra nos permite perceber as sutilezas que habitam o cotidiano. Afinal, a realidade também pode surpreender quando nos deixamos conduzir pela imaginação.
[Soraia Ribeiro]





INVENTÁRIO DE DEUSES

Autoria: **Manuel Soriano e Daniel Scharf**
Editora: **Amelì**

Afinal, quem são os deuses? É com essa provocação que o autor argentino Manuel Soriano e o ilustrador uruguaio Dani Scharf convidam os leitores a percorrer diferentes culturas, crenças e modos de compreender o mundo. *Inventário de Deuses* é um livro de não ficção que surpreende pela originalidade com que aborda um tema tão antigo quanto a própria humanidade, sem estabelecer hierarquias entre as diferentes manifestações do sagrado.

Rá, Thor, Vishnu, Iemanjá e Pachamama dividem espaço com figuras inesperadas, como Maradona, Mulher-Aranha e Google. Ao aproximar divindades de diferentes tradições e ícones da cultura contemporânea, a obra amplia os sentidos atribuídos à ideia de deuses e provoca reflexões sobre aquilo que veneramos, admiramos e elegemos como referência.

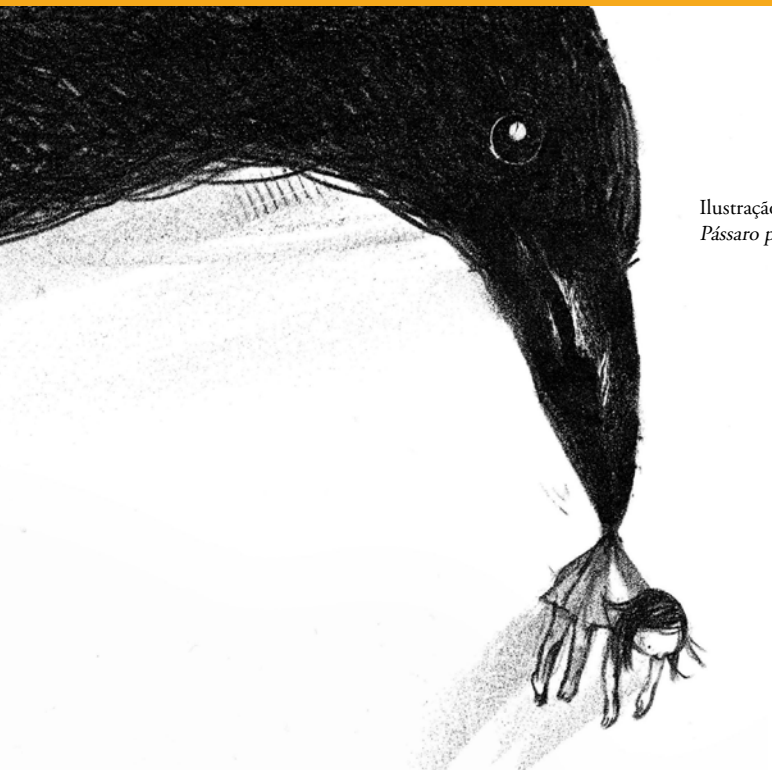


Ilustração para
Pássaro preto

O projeto gráfico merece destaque, a começar pela textura da capa com cores vibrantes e as ilustrações que surpreendem a cada página, estabelecendo um diálogo instigante com as informações apresentadas.

Daqueles livros informativos que não subestimam a inteligência e a curiosidade dos leitores, *Inventário de Deuses* abre espaço para muitas perguntas, descobertas e diferentes interpretações. Uma obra imperdível, que celebra a pluralidade de crenças e referências culturais e, sobretudo, a liberdade de cada um reconhecer e reverenciar suas próprias divindades e suas paixões. **[Dianne Melo]**

NOS FIOS DO INVISÍVEL

Autoria: **Alessandra Roscoe, Grupo Matizes Dumont e Demóstenes Dumont Vargas Filho**
Editora: **FTD Educação**

Foi por meio do trabalho da grande artista mexicana Gimena Romero que compreendi, ainda que tardiamente, o profundo significado do bordado como manifestação artística, forma de resistência e expressão de uma memória coletiva que preserva saberes, histórias e maneiras de compreender o mundo. Como ela própria afirma: "Cada ponto contém séculos. Cada fio traz uma língua, uma geografia, uma comunidade, uma forma de compreender a relação entre os seres humanos, a natureza e aquilo que chamamos de sagrado."

Em *Nos fios do invisível*, o trabalho primoroso do Grupo Matizes Dumont — verdadeiros "tecelões de sonhos" —, realizado a partir dos desenhos de Demóstenes Dumont Vargas Filho, nos convida a descobrir, ponto a ponto, as infinitas tramas que habitam o mundo, muitas delas imperceptíveis a um olhar apressado. Cada bordado revela uma delicada composição de formas, cores e texturas, fazendo dos fios uma linguagem capaz de expressar aquilo que nem sempre encontra lugar nas palavras.

O texto de Alessandra Roscoe, dedicado a Manoel de Barros, constrói, por meio de sua personagem Manu, uma atmosfera em que miudezas, delicadezas e imaginários ganham vida. Sua prosa poética emociona pela singeleza e pela capacidade de encontrar beleza naquilo que habitualmente passa despercebido. É uma homenagem, do começo ao fim, ao universo poético de Manoel de Barros, à sua atenção às pequenas existências e à sua maneira tão singular de reinventar o mundo pela linguagem.

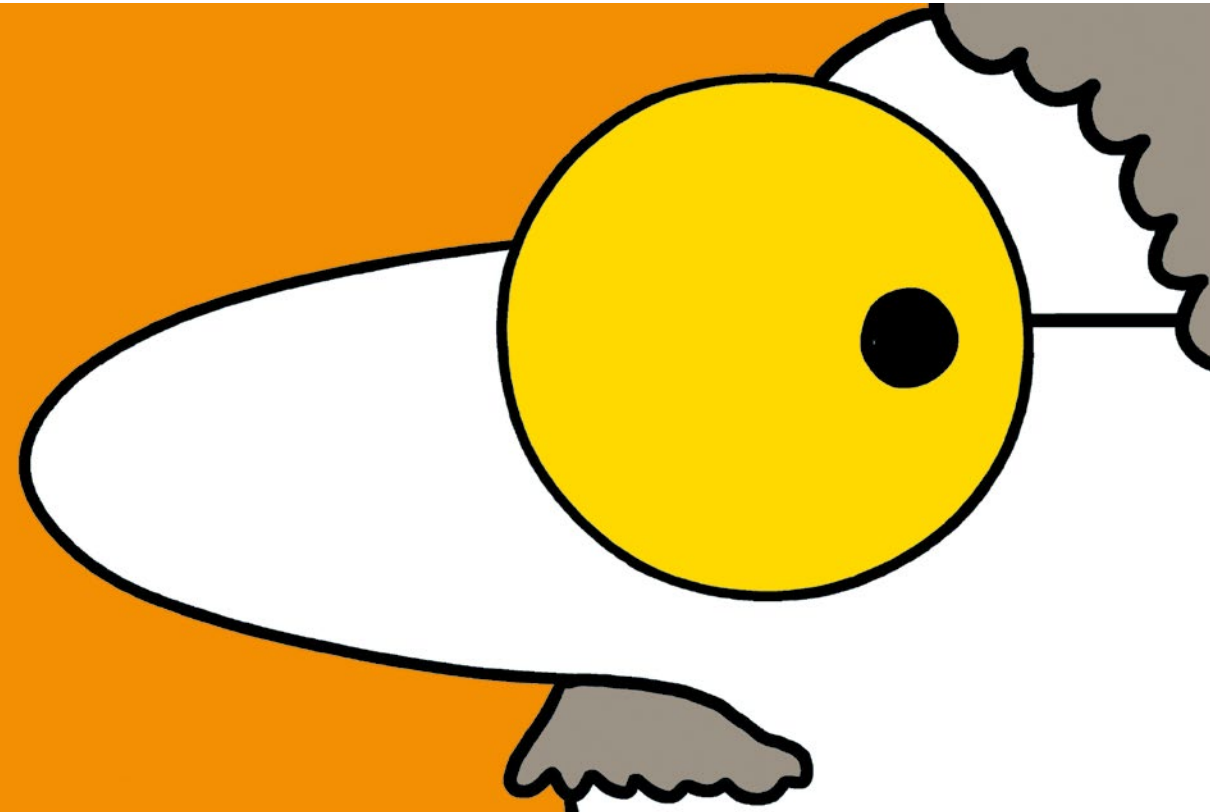
Entrelaçando os fios da poesia aos fios do bordado, o livro nos convida a olhar as pequenas coisas, a desvendar os mistérios escondidos no caminhar de minhocas e lesmas, a reconhecer a vida que pulsa nos detalhes mais discretos da natureza.

Ilustração para
O mundo é um ovo

Texto e imagem estabelecem um diálogo de rara sensibilidade, em que a materialidade do bordado, com seus pontos, relevos e texturas, amplia as possibilidades expressivas da palavra poética.

Nessa aproximação entre duas formas de criação que exigem tempo, atenção e delicadeza, tanto a poesia quanto o bordado nos convidam a interromper a pressa, a observar o que parece insignificante e a descobrir sentidos onde antes víamos apenas pequenos acontecimentos cotidianos.

Nos fios do invisível é, assim, um livro que oferece alento e alimento à sensibilidade. Uma obra que nos devolve o silêncio tão necessário à imaginação, desperta o cuidado com o mundo e nos lembra que, para enxergar aquilo que permanece invisível, é preciso aprender a olhar de outra maneira. **[Dolores Prades]**



ANDANÇAS E DESCOBERTAS DE OLIVER

Autoria: **Ana Garralón e María Pascual de la Torre**
Editora: **Palavras**

"Eu não te pergunto aonde você me leva.
Nem para quê.
Nem por quê.
Você quer caminhar? Então te sigo."
Carmen Conde (do livro *Brocal*)

Os versos da poeta Carmen Conde, recitados por uma dos personagens, ao longo da narrativa, anunciam a atmosfera que permeia este livro, escrito pelas premiadas autoras espanholas Ana Garralón e María Pascual de La Torre. Nesse contexto, surgem algumas perguntas: E se as ruas da nossa cidade revelassem muito mais do que costumamos perceber, quando nos permitimos observá-las sob diferentes perspectivas? E se um caminho que julgávamos tão familiar pudesse guardar tantas outras histórias, descobertas e possibilidades?

Ao acompanhar as andanças de Oliver, o leitor poderá encontrar respostas para algumas dessas questões e, certamente, formular muitas outras! Durante uma semana, os pais do menino ficam impossibilitados de levá-lo à escola e, por essa razão, a cada dia, um familiar ou amigo assume a tarefa de acompanhá-lo. Assim, a cada novo encontro, Oliver descobre uma maneira diferente de percorrer e enxergar um trajeto que, até então, lhe parecia tão familiar.

Um dos destaques desta narrativa está no cuidado com que as autoras apresentam as diferentes profissões e os conhecimentos a elas relacionados. Para construir os olhares de cada personagem, Ana Garralón realizou leituras e pesquisas sobre os temas abordados, garantindo consistência às informações e enriquecendo a experiência de leitura. Esse trabalho cuidadoso se reflete tanto na seleção dos conteúdos quanto na maneira criativa e intencional como eles são incorporados ao projeto gráfico. Nas páginas duplas, imagens, textos, quadros explicativos, es-

quemas e outros recursos visuais se organizam, de acordo com a perspectiva de cada acompanhante, tornando os conhecimentos apresentados acessíveis e interessantes.

Na caminhada com o avô historiador, por exemplo, a cena urbana atual se divide visualmente com ilustrações em tons sépia na parte inferior, acompanhadas de pequenos esquemas que detalham instrumentos e ofícios do passado, como o dos aguadeiros e dos acendedores de lampiões. Já no percurso com o escritor, os pensamentos criativos surgem em balões que especulam histórias sobre os transeuntes e se desdobram em quadrinhos na base da página, mostrando como autores reais transformam o cotidiano em literatura.

Com a bióloga, o olhar microscópico ganha destaque por meio de balões de fala e diagramas científicos que revelam o que não conseguimos enxergar a olho nu, como as bactérias presentes no iogurte e os organismos que habitam uma poça d'água. Já quando Oliver aparece na companhia do filósofo, o cenário tradicional da rua desaparece para dar lugar a um caminho feito de pegadas coloridas pontuado por balões tracejados com perguntas existenciais. Essa diversidade visual e informativa aparece, ao longo de toda narrativa, e enriquece a experiência de leitura, favorecendo a compreensão de conceitos complexos e aproximando o leitor, de forma sensível e envolvente, das múltiplas profissões e formas de olhar e interpretar a realidade.

Essa proposta de ampliar os olhares também se revela em uma homenagem especial: segundo a autora e pesquisadora do livro informativo, Ana Garralón, o protagonista recebeu o nome de Oliver em referência ao cientista Oliver Sacks, cuja maneira singular de observar o mundo transformou também o olhar de outras pessoas. Essa inspiração também parece traduzir, de certa forma, a essência do livro, afinal, talvez não seja preciso percorrer caminhos desconhecidos para viver grandes descobertas. Às vezes, basta caminhar ao lado de alguém que nos ensine a olhar de outro modo. E, quando isso acontece, as ruas de sempre deixam de ser as mesmas, porque nós também já não somos os mesmos. **[Bárbara]**



JAMILA ATRAVÉS DA MÁSCARA

Autoria: **Paty Wolff**
Editora: **PeraBook**

Em *Jamila através da máscara*, Paty Wolff nos convida a uma viagem por diferentes tempos, territórios e culturas do continente africano. Tudo começa quando Jamila, a protagonista, encontra um livro em um sebo e, ao ouvir a expressão "Karingana ua Karingana", é transportada para um universo em que história, memória e imaginação se entrelaçam. A partir desse encontro, a personagem percorre diferentes lugares e épocas, aproximando-se de figuras históricas, tradições e narrativas que revelam a riqueza e a diversidade das culturas africanas.

A viagem de Jamila é também uma viagem de descoberta e reconhecimento. Ao apresentar personagens como a rainha Nefertari, Makedda e as guerreiras Agojie, a autora procura ampliar os imaginários sobre a África, frequentemente reduzida a representações homogêneas e estereotipadas. O livro propõe, assim, um percurso por histórias e referências culturais que nem sempre encontram espaço na literatura destinada às infâncias.

Mas é sobretudo na linguagem visual que a obra encontra sua maior força. Paty Wolff, uma das artistas mais interessantes no panorama contemporâneo da ilustração brasileira, constrói imagens de grande beleza e potência expressiva. Suas composições revelam um trabalho artístico singular, no qual formas, cores e personagens constroem um universo visual rico, capaz de despertar a curiosidade e sustentar o olhar do leitor. Seus livros levam uma marca que dificilmente não se destaca.

As ilustrações não se limitam a acompanhar os acontecimentos narrados. Elas ampliam a atmosfera fantástica da viagem, conferem presença e expressividade às personagens e oferecem ao leitor outras possibilidades de aproximação com os universos culturais apresentados. Há uma dimensão poética nas imagens que ultrapassa sua função descritiva e faz da experiência visual uma parte fundamental da leitura.

Ilustração para
Contos para nossos filhos – Uma seleção

O livro também suscita uma questão importante sobre as relações entre literatura e informação. Inserido no gênero dos livros informativos, a narrativa ficcional fica a serviço do propósito de apresentar conhecimentos sobre o continente africano. Essa tensão é o que caracteriza estas obras híbridas, especialmente pela força de uma linguagem visual que abre espaço para a imaginação e para outras formas de construir sentidos.

Jamila através da máscara é um livro que merece atenção tanto pela proposta de ampliar os repertórios culturais dos leitores como, principalmente, pela qualidade de suas ilustrações. Em uma produção editorial frequentemente orientada por temas e mensagens previamente definidos, o trabalho de Paty Wolff reafirma a importância da criação artística e da autonomia da imagem na literatura para as infâncias. **[Dolores Prades]**



Ilustração para
Floresta do mofo dourado

É PICO!

Autoria: **Murilo Romão e Mariana Zanetti**
Editora: **Baião**

Em *É pico!*, Murilo Romão e Mariana Zanetti apresentam um percurso pela cidade a partir do olhar de quem encontra no skate uma forma de experimentar e reinventar o espaço urbano. Entre a busca por novos picos e as memórias dos lugares já percorridos, acompanhamos as sensações, os desvios e as descobertas de um skatista em movimento. A narrativa ganha autenticidade justamente por partir da experiência do autor, skatista profissional, que mobiliza com naturalidade vocabulário e códigos próprios da modalidade. Mais do que apresentar a cultura do skate, a obra nos aproxima de uma maneira particular de perceber e ocupar a cidade, na qual muros, calçadas, escadarias e outros elementos da paisagem ganham novos significados.

Há uma dimensão poética nesse olhar, que transforma o deslocamento em experiência sensível e o cotidiano, em possibilidade de invenção. As ilustrações de Mariana Zanetti, arquiteta e ilustradora, são um dos grandes destaques da obra. Com lápis de cor, diferentes perspectivas e enquadramentos, elas exploram a paisagem e conversam com a linguagem da arte de rua, ampliando a narrativa sem apenas ilustrá-la. **[Milena Buarque]**



UMAMI

Autoria: **Jacob Grant**
Editora: **Reco-reco**

Umami é um termo de origem japonesa usado para nomear o quinto gosto básico do paladar humano, ao lado do doce, do salgado, do azedo e do amargo. Nessa história, Umami é também o nome de uma pinguim que, cansada de comer peixe cru em todas as refeições em sua aldeia, decide se aventurar oceano afora em busca de novos sabores.

Ao longo da viagem, a desbravadora Umami experimenta pratos de diferentes partes do mundo e vivencia sensações diversas, nem sempre agradáveis, mas que fazem parte de sua busca por novidades. No caminho de volta à aldeia, porém, uma dúvida surge: como os outros pinguins receberão as iguarias que ela fez questão de levar consigo, tão diferentes do peixe cru a que estão acostumados?

Escritor e ilustrador norte-americano, Jacob Grant tem formação em *design* gráfico e desenvolveu uma linguagem visual bastante singular, marcada pela expressividade dos personagens, pelo humor e pelo uso de técnicas que valorizam as texturas e a materialidade das imagens. Autor de diversos livros ilustrados para crianças, Grant foi selecionado para a Mostra de Ilustradores da Feira do Livro Infantil de Bolonha, em 2024.

Em *Umami*, suas ilustrações, com contornos e preenchimentos que evidenciam o traçado manual e uma paleta de cores variada, retratam com humor as reações dos personagens diante dos diferentes pratos e sabores. A expressividade dos gestos e das fisionomias, associada à simplicidade das formas, amplia as possibilidades narrativas do texto, fazendo das imagens parte essencial da construção da história.

A busca por variedades culinárias abre espaço para pensar os desafios e as descobertas que o contato com o desconhecido pode proporcionar. Mas a aventura de Umami não é apenas individual: ao retornar à aldeia e compartilhar suas descobertas, a personagem cria possibilidades para transformar o olhar de sua comunidade. **[Soraia Ribeiro]**

Ilustração para
Ioiô, o Griô



COISA SIM, COISA NÃO

Autoria: **Edimilson de Almeida Pereira e Larissa da Cruz**
Editora: **FTD Educação**

Para começar, vamos pensar na poesia como algo que faz parte do nosso dia a dia. A poesia que está presente nas coisas simples, naqueles objetos do nosso cotidiano, como o lápis, o alicate, o relógio, o caderno, o espelho, o sapato, a cadeira, a mala, entre tantos outros.

É assim que este livro do poeta Edimilson de Almeida Pereira convida crianças e jovens de todas as idades a embarcar na poesia, para que possam olhar esses objetos de outra forma que vá além da normalidade do uso ou da função de cada um. Um ótimo exemplo é o poema "Alicate": "O alicate é um enigma./ Nele há tudo/ de um crocodilo./ Se abre a boca/ assusta o fauno,/ se ergue a cabeça/ flamingos fogem.". Outro é o poema "Cadeira": "É a irmã mais lenta/ na família/ mais erma/ das tartarugas./ Apesar das quatro/ pernas/ é sobre si mesma/ que anda." E assim vamos descobrindo enigmas e segredos que os objetos guardam.

Há ainda poemas, caso de Relógio, que se aproveitam do tema para dialogar com outras obras da literatura, seja *Alice no País das Maravilhas,* de Lewis Carrol, seja o poema "Tecendo a manhã", de João Cabral de Melo Neto: "O relógio do Coelho de Alice/ é rápido como a libélula./ E belo como a conversa/ dos galos tecendo a manhã".

Os poemas estão distribuídos em páginas duplas, de dois em dois, antecedidos e permeados pelas ilustrações de Larissa da Cruz, que brincam e fantasiam os sentidos e os sentimentos – ora afirmando, ora negando, ora expandindo – que cada um desses objetos inspira no leitor e na leitora que abre este *Coisa sim, coisa não.* Abrir este livro, por sinal, é também parte da brincadeira que o próprio livro instiga. **[Aurélio de Macedo]**

FRANK E ESTER

Autoria: **Vitor Rocha**
Editora: **Joaquina**

Frank e Ester conta a história de dois irmãos que enfrentam uma situação de exclusão na nova escola onde passam a estudar. Até então, as crianças eram felizes, brincavam e se divertiam como quaisquer outras, sem sofrer discriminação pela cor de sua pele ou por seus traços físicos. A exclusão se manifesta quando são impedidas de ter acesso a um livro, embora ele esteja disponível na biblioteca. Os irmãos voltam para casa profundamente abalados, o que as ilustrações expressam por meio da distorção de seus corpos: mãos, pés, orelhas e narizes tornam-se desproporcionalmente grandes. Seus corpos só recuperam as proporções normais quando são acolhidos pelos pais.

O título *Frank e Ester* é inspirado no romance inglês *Frankenstein*, de Mary Shelley, no qual o cientista Victor Frankenstein cria uma criatura que pode ser compreendida como um reflexo de seu próprio criador. Neste livro, os corpos distorcidos representam o profundo sofrimento que o preconceito e o racismo provocam nas duas crianças. As deformações de seus pequenos corpos tornam visíveis, assim, as distorções de uma sociedade marcada por estereótipos e práticas discriminatórias.

As ilustrações reforçam essa contradição social, construindo uma narrativa de atmosfera fantástica e nebulosa, marcada por formas distorcidas, desproporcionais e inquietantes. Por meio de seus traços, o autor e ilustrador consegue transmitir a dor experimentada pelas crianças quando submetidas a situações de preconceito e exclusão.

Os paratextos, entretanto, acabam antecipando informações excessivas sobre o enredo, comprometendo algumas das surpresas que a narrativa poderia oferecer. Ainda assim, trata-se de uma obra recomendável, que aborda uma questão urgente e necessária: os impactos do preconceito, do racismo e da exclusão no ambiente escolar sobre a saúde mental das crianças. **[Érica Luciana]**

LABAREDA

Autoria: **Gabriela Romeu e Bruna Lubambo**
Editora: **Leiturinha**

Todos os anos, uma menininha da zona da mata pernambucana espera a chegada do caboclo de lança, a figura central do maracatu rural ou maracatu de baque solto. A festa nasceu entre os trabalhadores da cana-de-açúcar e ganhou as ruas com os caboclos de golas bordadas, cabeleiras coloridas e lanças enfeitadas de fitas. Entre tambores, cores e cabeleiras brilhantes, a espera da menina se transforma em fascínio que a transforma na Faísca da festa. Pela tradição, a narrativa entrelaça três gerações, a menina, a mãe e a avó.

Gabriela Romeu, escritora, jornalista e documentarista, pesquisa há mais de duas décadas a relação das crianças brasileiras com seus territórios e saberes locais. *Labareda* nasce dessa escuta das crianças da zona da mata. A escritora escolhe preservar o mistério do caboclo de lança sem explicar a manifestação. Através da poesia, convida o leitor para a festa. As ilustrações de Bruna Lubambo evocam o movimento. A capa propõe mistério: os olhos atentos aproximados, espiando algo de lado, entre a cabeleira vermelha e um tecido bordado. A pintura, de pinceladas visíveis e texturas marcadas, ocupa toda a superfície em tons de vermelho, rosa e marrom.

Ao apresentar o maracatu pelo encantamento de quem cresce dentro dele, *Labareda* abre uma janela para uma cultura popular ainda pouco presente nos acervos infantis. **[Camila Petrovitch]**



Ilustração para *Davi sonha e eu também – nós*



TUDO QUE POSSO SER

Autoria: **Caio Zero**
Editora: **Pulo do Gato**

Quem imaginaria que, no caminho para casa, é possível ir do céu às águas e às terras?

Tudo que posso ser, de Caio Zero, transforma um momento do cotidiano, a volta da escola, em uma aventura sem limites movida pela imaginação das crianças. *Ver* e *ser* são a base da obra: o que as personagens enxergam pelo caminho vira o que elas se tornam.

A narrativa começa na escola, quando o sinal toca, e o leitor acompanha o trajeto até a casa. Pelo percurso, as crianças se transformam em folhas, caranguejos e montanhas, brincando com as formas da natureza. Como diz a sinopse, "imaginar é uma metamorfose", e somos convidados a acompanhar essas transformações de maneira divertida.

É um livro sem texto: tudo é construído pelas ilustrações de Caio Zero, que também é professor e escritor. O uso de diferentes enquadramentos e focos ajuda a conduzir a história e incentiva os leitores mais jovens a olhar o ambiente de outras maneiras, enquanto os adultos podem sentir um quê de nostalgia ao se lembrar do próprio caminho de volta para casa e das brincadeiras feitas. As cores estão ligadas às crianças e aos elementos do cenário que participam das transformações, mas o fundo, com o sol e as nuvens, por exemplo, permanece em branco. Esse vazio pode incentivar o leitor a preenchê-lo com a própria imaginação.

Ao acompanhar um momento tão comum, a obra nos estimula a ver o dia a dia com uma nova percepção. *Tudo que posso ser* é um livro para ler com crianças e também para adultos que queiram redescobrir o trajeto de todo dia.
[Maria Eduarda C. Borges]

TEM FESTA NA FLORESTA

Autoria: **Paula Taitelbaum e Xadalu Tupã Jekupé**
Editora: **Editora Piu**

"Tem festa na floresta. Quem vai?" – Assim começa este lindo livro, com uma pergunta que convida o leitor a participar da história. Nas páginas seguintes, ele vai se juntar aos outros convidados e entrar na floresta. A história é o caminho, a festa é pretexto!

Caminhar supõe se movimentar e aí está a primeira sacada deste pequeno grande livro. A criança de 0-2 anos, a quem a publicação é indicada, lê com o corpo todo, e o livro respeita isso. No percurso para a festa, cada convidado se move à sua maneira – correndo, pulando, voando, nadando, se arrastando, balançando. O leitor pode correr, pular, voar, nadar, se arrastar, balançar e inventar outros jeitos de se locomover.

Além disso, a criança pequena costuma ter adoração por bichos, e o livro leva isso em conta. Os personagens são animais da fauna brasileira, que aparecem um de cada vez, grandes, coloridos, todos filhotes. As ilustrações de Xadalu Tupã Jekupé são lindas e saltam aos olhos, no contraste com o fundo monocromático.

O livro também considera que a criança de 0-2 está aprendendo a falar. Assim, conta com textos simples, fáceis de serem memorizados e repetidos. Vale aqui mencionar uma preciosidade da obra: os nomes dos animais estão na língua guarani: a onça pintada é *jaguaretê*, o sapo é *kururu*, o beija-flor é *mainõ´i* e por aí vai. Assim, o leitor, desde cedo, entra em contato com a ideia de que no Brasil há outros jeitos de se falar e de se viver, o que contribui para que cresça respeitando e valorizando as populações indígenas e a vida na floresta.

O livro não termina na festa, mas sim quando um convidado – *aigue* – resolve não ir. Na página seguinte, o leitor descobre que se trata do bicho-preguiça, que gosta de ficar pendurado na árvore descansando.

Por fim, T*em festa na floresta* é um livro de tamanho pequeno, com páginas cartonadas e cantos arredondados, que tem tudo para ser o preferido de muitas crianças! **[Silvia Zerbini]**

MEU NOME

Autoria: **Marilda Castanha**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Meu nome, de Marilda Castanha, nasce de uma imagem dolorosa. Como conta a autora, ao final do livro, "até mesmo aquilo que nos causa indignação e espanto pode provocar a criação de uma narrativa". Ao assistir a um vídeo em que crianças palestinas escreviam seus nomes em diferentes partes do corpo para que pudessem ser identificadas pelos pais em caso de bombardeio, Marilda encontrou a matéria para sua obra.

Meu nome não fala apenas de nomes, de crianças (como são as crianças em qualquer lugar do mundo) e de suas existências singulares, suas histórias e memórias. Fala também das infâncias interrompidas, da vida suspensa, pausada, silenciada.

Com poesia e delicadeza, mas também com infinita tristeza que não se pode disfarçar, a autora nos aproxima de uma experiência tão brutal e desumana sem abrir mão da humanidade. Em vez de nos deixar apenas diante do horror, convoca-nos a olhar para as vidas, os vínculos, as histórias e os sonhos que existem por trás de cada nome. Assim, dá existência ao que não pode ser esquecido e nos leva a pensar sobre o valor de cada vida e sobre a insensatez de toda guerra. É um livro que permanece reverberando muito depois da leitura, tal como os nomes das crianças, que podem ser constelações que continuarão brilhando para sempre.
[Ana Carolina Carvalho]



Ilustração para
Davi sonha e eu também: Eu

O MELHOR DIA DA MINHA VIDA

Autoria: **Letícia Graciano**
Editora: **Joaquina**

Um dia comum pode vir a ser o melhor dia da vida de uma criança, assim aprendeu Letícia Graciano ao observar sua filha Cora brincando no quintal de casa, no interior do Ceará. Essa revelação tão preciosa deu origem a este livro, que homenageia o olhar curioso das crianças para as miudezas e o jeito brincante delas de estarem no mundo.

O melhor dia da minha vida é um livro que se destaca na estante. Sua linda capa chama a atenção e serve como um delicioso aperitivo da história. Nela, vemos uma criança em movimento. Ela anda, pula, se abaixa, olha para trás, se ajoelha, voa e ocupa a capa, a quarta capa e as duas abas abertas. O espaço de brincadeira é do tamanho do mundo. Além disso, os desenhos em preto e branco, com cor apenas na camiseta da criança, são minimalistas, traduzindo simplicidade, um valor marcante na história. O título, grafado com algumas letras espelhadas, informa ao leitor quem é o protagonista/narrador – a criança. Por fim, o fundo com manchinhas dá uma sensação de terra e areia e a sinopse amarra tudo e convida: "Um dia. Um quintal. Uma criança. Quer brincar também?"



O leitor, então, entra no quintal-livro junto com a criança. Logo nos primeiros passos, suja os pés de barro e, na sequência, as mãos. E segue desbravando o mundo e aproveitando os pequenos tesouros escondidos por todo lado. As manchinhas de fundo se estendem por todas as páginas do livro e o papel se torna o chão onde as brincadeiras acontecem.

Novas ilustrações vão surgindo à medida que a criança percorre o quintal e, assim, o leitor vai conhecendo cada um dos cantinhos em que ela se demora brincando, observando e interagindo com plantas e bichos. Um jogo entre imagens pequenas e grandes o leva para perto, para longe e para dentro de algumas cenas, acompanhando as invenções da criança, que incluem construir castelos, preparar comidinhas, observar as formigas, voar com as borboletas, brincar de esconde-esconde, desenhar na terra batida. Uma forte chuva, representada lindamente em uma página dupla, coroa a experiência de brincar no espaço externo, em comunhão com a natureza.

O livro *O melhor dia da minha vida* homenageia a cultura da infância, ao trazer o quintal como espaço de liberdade e criação e celebrar a brincadeira livre e o tempo presente. Assim como um dia bem vivido, ele termina com um banho quentinho e gostoso. **[Silvia Zerbini]**

Ilustração para
Nuvem de Areia



BASGRÁKI — A CRIATURA

Autoria: **Alexandre Camanho**
Editora: **Pulo do Gato**

Nessa obra, o título e as ilustrações que compõem a primeira e a segunda capa antecipam a apresentação de uma criatura que ganha forma gradualmente ao longo da narrativa. Com traços finos e cores vibrantes, características marcantes do estilo de Alexandre Camanho, Basgráki é apresentada aos leitores em uma atmosfera de suspense. Pouco a pouco, o grotesco e o insólito se entrelaçam ao humor, criando lacunas que ampliam as possibilidades de desenvolvimento da narrativa.

Nesse contexto, as antecipações e as quebras de expectativa são constantes, mobilizando a imaginação e envolvendo o leitor em diferentes sensações. As duplas de páginas se dividem entre o texto literário e as ilustrações, que ganham forma de maneira inesperada. Inicialmente reduzidas a um rabisco, as imagens se ampliam gradualmente, ocupando mais espaço e incorporando cores e detalhes à medida que a criatura toma forma, em um movimento que confere materialidade visual às palavras.

A cada virada de página, a narrativa se torna mais instigante, articulando surpresa e desconforto diante do desconhecido. Essa combinação pode provocar reações diversas, transitando entre o medo, o riso e a hesitação, além de reservar uma surpresa em um desfecho tão imprevisível quanto circular. **[Soraia Ribeiro]**



LUANDA NO TERREIRO

Autoria: **Marcelo D'Salete**
Editora: **Companhia das Letrinhas**

Luanda no terreiro, de Marcelo D'Salete, apresenta uma HQ para crianças pequenas, gênero ainda pouco presente nos livros destinados a essa faixa etária e cuja presença é muito bem-vinda. A obra explora recursos próprios da linguagem dos quadrinhos: a sequência de imagens na construção da narrativa, as onomatopeias, que dão expressividade aos sons e movimentos, e a diversidade de tamanhos e formatos dos quadros, que imprime ritmo à leitura e conduz o olhar do leitor. Na história, Luanda, uma menina cuja família é do candomblé, está animada com os preparativos para o xirê, a festa no terreiro. A pedido da mãe, sai para comprar alguns itens que faltam para a celebração. Como uma Chapeuzinho Vermelho contemporânea, Luanda percorre seu caminho pelo bairro até perceber que está sendo seguida por Edu, um menino que, movido pelo desconhecimento e pelo preconceito, faz comentários negativos sobre sua religião.

Com delicadeza, D'Salete aborda o preconceito contra as religiões de matriz africana a partir das experiências das infâncias. Em meio a um ambiente regado a muito afeto e alegria, a narrativa apresenta aspectos da cultura do candomblé, como a convivência comunitária, os seus rituais, saberes e as palavras, que também ganham espaço em um glossário ao final do livro. Ao apresentar uma religião ainda cercada de muita discriminação, a HQ abre espaço para o conhecimento e para o diálogo, mostrando como o contato com o outro pode desfazer preconceitos. Uma obra importante para ampliar o repertório cultural das crianças e afirmar o direito à diversidade religiosa. **[Ana Carolina Carvalho]**

Ilustração para *Jamila através da máscara*

TEMPORAL

Autoria: **Luísa Capalbo e Bruna Martins**
Editora: **Livros da Matriz**

"Quanta coisa cabe no vazio?" A pergunta que atravessa *Temporal* nos conduz às profundezas da terra, onde a água trabalha há milhões de anos, abrindo passagens entre as rochas e criando paisagens que raramente podemos observar. Há algo assombroso no silêncio de uma caverna, diante de formações tão antigas que nos fazem imaginar o tempo necessário para que surgissem. É dessa curiosidade que nasce a força de um livro híbrido, que aproxima ficção e conhecimento científico por meio de uma narrativa em que palavras e imagens encontram uma expressão poética bastante original.

Nas ilustrações, predominam os ocres e tons terrosos, em contraste com o negro das profundezas e o azul da água. A combinação de colagem, aquarela e pastel oleoso cria texturas que dão forma às camadas do solo e às rochas, enquanto as palavras, em algumas páginas, acompanham suas curvas, conduzindo o olhar por caminhos subterrâneos.

Entre perguntas e jogos de linguagem, a narrativa acompanha a formação das cavernas e os vestígios de outros tempos, incluindo pinturas deixadas por seres humanos nas paredes de pedra. A descoberta dessas marcas amplia nossa percepção da paisagem e desperta uma atenção respeitosa por aquilo que existia muito antes de nós.

Nascido de uma viagem ao Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, o PETAR, realizada pelas autoras paulistanas, amigas desde os tempos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, *Temporal* apresenta, ao final, um glossário de espeleologia e um inventário de cavernas brasileiras. Essa parte informativa prolonga a experiência literária e oferece novas possibilidades de conhecer as histórias guardadas pela terra. **[Thais Caramico]**

A DANÇA DE AYÓ

Autoria: **Clarice Campos e Fernanda Rodrigues**
Editora: **Pingo de Luz**

A dança de Ayó convida o leitor a entrar na roda junto com sua protagonista, uma menina que, pelas mãos e pelos pés, nos conduz ao universo das manifestações culturais populares. O nome Ayó vem do iorubá, significa "alegria" e anuncia o tom da obra. A dança aparece como celebração da vida, afirmação da identidade e pertencimento a uma história coletiva. A roda, figura circular e ancestral, organiza a narrativa e materializa valores afrocentrados: o conhecimento circular entre gerações, o respeito aos mais velhos que sustentam a tradição e o tempo espiralar, em que passado e presente se encontram no gesto de dançar.

As personagens são apresentadas com afeto e beleza, valorizando, como devem ser, os traços fenotípicos negros. Isso cria um ambiente de proteção e autoestima para a criança negra que se reconhece nas páginas. Ao tratar a dança e a espiritualidade de matriz africana como patrimônio e saber, o livro enfrenta estereótipos racistas e a intolerância religiosa. Afirma, assim, o protagonismo negro na construção da cultura do país.

O vento, aqui personagem, sopra entre as folhas, balança as saias e atravessa as páginas como força espiritual, vida e movimento, sugerindo a presença de Oyá, orixá dos ventos e das tempestades. A obra respeita a proveniência desses saberes e oferece ao leitor uma porta de entrada sensível e respeitosa às religiosidades afro-brasileiras. Costurado por cantigas, ritmo e cadência, o texto pede para ser lido em voz alta, cantado e dançado, enquanto palavra e imagem se entrelaçam como parceiras dessa roda que, por fim, é o objeto livro. A leitura se torna uma experiência estética, emotiva e corporal. A dança de Ayó é um potente chamado ao corpo, à memória e à resistência, uma homenagem à nossa cultura popular.
[Natália Coltri Fernandes]

PARA VER UM DRAGÃO

Autoria: **Carla Kinzo e Victoria Hattori**
Editora: **Cai-Cai**

Em *Para ver um dragão*, Carla Kinzo, acompanhada pelas ilustrações em aquarela de Victoria Hattori, constrói imagens singelas sobre a possibilidade do invisível nas coisas que nos cercam, pequenas ou grandes. Para ver um dragão, é preciso aquietar-se, fazer silêncio e saber esperar. Até chegar a essa conclusão, porém, a autora nos conduz por termos e situações interessantes e inusitados: as cumbucas, os feixes de luz, as beiradas dos lençóis, as chuvas, os papéis picados. Elementos corriqueiros que, sob um olhar atento, podem guardar algo extraordinário.

O texto é muito bem acompanhado pelas ilustrações, que ampliam as possibilidades de leitura sem revelar os dragões em meio às cenas, também ricas em perspectivas e detalhes. É justamente nesse jogo entre o que se vê e o que permanece oculto que reside a delicadeza da obra: mais do que mostrar, o livro sugere; mais do que contar, convida a imaginar.

Em um cotidiano cada vez mais assoberbado, *Para ver um dragão* propõe um exercício de desaceleração, presença e contemplação. Afinal, talvez os dragões habitem justamente essa linha tênue entre o real e a fantasia, onde o maravilhoso espanto está, tantas vezes, no mero vislumbre. **[Milena Buarque]**

Ilustração para
Luanda no terreiro





SABOR PACIÊNCIA

Autoria: **Mariana Salomão Carrara e Giovanni Colaneri**
Editora: **Baião**

Esta é a estreia de Maria Salomão Carrara na literatura destinada às infâncias. Em parceria com o ilustrador italiano Giovanni Colaneri, a autora constrói um livro vivo e divertido, desde as primeiras páginas até os paratextos.

Em *Sabor Paciência*, conhecemos Gabriel, que, no dia de seu aniversário de cinco anos, vai com a mãe até a praça, onde decidem tomar sorvete em uma sorveteria com filas quilométricas. Ao ouvir da mãe que ficaria naquela fila a "vida inteira", Gabriel imagina sua vida passando enquanto espera. Vê-se envelhecer e experimenta futuros possíveis, ao mesmo tempo que tenta decidir qual sabor de sorvete vai escolher. Neste livro, autora e ilustrador exploram a literalidade que expressões populares — como "você vai ficar aí a vida inteira" ou "essa fila está levando décadas" — podem assumir na imaginação das crianças.

As ilustrações são marcadas por cores vivas, formas geométricas e uma profusão de elementos que preenchem as páginas e convidam o leitor a observá-las com atenção, descobrindo detalhes curiosos, rostos escondidos, sorvetes e pequenas histórias paralelas. As cores e suas sobreposições, por vezes, remetem a sorvetes derretidos, convidando-nos a mergulhar na imaginação de Gabriel, envelhecendo com ele e percorrendo as imagens sem pressa. **[Lara Rakel Trindade]**





O CONSTRUTOR DE MUROS

Autoria: **Arianna Squilloni e Decur**
Editora: **Livros da Matriz**

Um homem encontra uma floresta tão bonita que decide ficar. Encantado com a paisagem, começa a erguer um muro ao redor do espaço que deseja chamar de seu, convencido de que assim poderá desfrutar daquele lugar em paz. Tijolo após tijolo, a construção avança, enquanto os animais seguem habitando a mata e encontrando maneiras de circular por ela. Em *O construtor de muros*, o humor nasce da distância crescente entre as intenções do personagem e as consequências absurdas de sua obstinação.

Nas ilustrações de Decur, a presença crescente do muro transforma a paisagem e o ritmo da narrativa. A repetição dos tijolos, suas linhas regulares e o vermelho que avança pelas páginas contrastam com as formas da vegetação e com os movimentos dos animais. Aos poucos, a construção ocupa o lugar da floresta que havia despertado o encantamento do personagem. O humor, próximo da linguagem dos cartoons, nasce também dessa transformação visual, que permite aos leitores perceber o absurdo da empreitada muito antes de seu construtor.

Enquanto o homem trabalha para delimitar o que considera sua propriedade, a vida ao redor continua acontecendo segundo movimentos que escapam aos seus planos. A floresta já era habitada antes de sua chegada, mas ele parece incapaz de reconhecer que também faz parte daquele mundo vivo. Ao tentar separar o espaço humano da natureza, acaba construindo uma barreira contra a própria experiência que desejava preservar.

Há uma ironia deliciosa nesse desencontro, que o texto de Arianna conduz com perspicácia ao revelar o absurdo de tentar reduzir a natureza a uma propriedade, como se fosse possível nos excluir de um mundo vivo do qual também fazemos parte. **[Thais Caramico]**

PARA CRESCER E SER FELIZ

Autoria: **Ananda Luz e Isabel Malzoni**
Editora: **Caixote**

Um livro-manifesto que nasce da escuta de crianças e adolescentes da Maré, no Rio de Janeiro, convidados a responder à pergunta: "Para crescer e ser feliz, é preciso o quê?". Conduzido pela sensível pesquisadora Adelaide Rezende, a partir do processo de produção do livro *Eu devia estar na escola* (Editora Caixote, 2024), *Para crescer e ser feliz: todo mundo tem direito a…* reúne vozes que, apesar das adversidades e da invisibilidade social, reivindicam o direito de viver infâncias dignas, respeitadas e protegidas.

Uma obra fundamental para ser compartilhada entre crianças e adultos de diferentes territórios do país. Afinal, os direitos expressos nessas páginas dizem respeito a todas as infâncias e nos convocam a reconhecer nossa responsabilidade em assegurá-los.

As belíssimas ilustrações, criadas por um coletivo de artistas, merecem especial destaque. Com diferentes traços, cores e composições, elas ampliam os sentidos de cada direito enunciado, trazendo afetos e singularidade à obra.

Um livro que reafirma a potência e legitimidade dessas vozes e nos lembra que crescer e ser feliz deve ser um direito de toda criança e todo adolescente, independentemente do território em que vive. **[Dianne Melo]**



Ilustração para
Mamãe zangada

NUVEM DE AREIA

Autoria: **Otávio Júnior e Anna Cunha**
Editora: **Pequena Zahar**

A história começa quando um menino descobre por meio de um jornal trazido pelo vento que uma nuvem de areia vinda do Saara chegará ao Brasil dentro de três dias. Movido pela curiosidade, ele localiza o Saara no mapa de seu livro de geografia e começa a levantar hipóteses de como esse acontecimento se dará.

A nuvem virá com a ajuda de um rebocador? De uma canoa pesqueira? De um cardume de peixes? De uma revoada de pássaros? A nuvem cruzará o oceano nas mãos da mãe dos mares? Sua cabeça está a mil.

Enquanto sonha com a travessia, o menino busca informações sobre a África e embarca em uma jornada de descobertas sobre a diversidade de países, paisagens, culturas, línguas e dialetos do grande e misterioso continente. O leitor vai testemunhando esse encontro do menino com o mundo a cada página virada.

Nuvem de Areia é um exemplo de casamento perfeito entre texto e imagem. As bonitas palavras de Otávio Júnior, que aparecem no livro como se fossem sopradas pelo vento, levantam voo e ganham vida no encontro com as belíssimas ilustrações de Anna Cunha. São imagens-sonho, delicadas, coloridas, imersivas, cheias de detalhes que aproximam afetivamente o leitor tanto do menino quanto das pessoas que vivem a muitos quilômetros dele.

Otávio diz que escreveu *Nuvem de Areia* para se conectar às raízes de sua ancestralidade e, a partir dessa visita ao passado, projetar o futuro. Anna fala da dupla viagem que é ilustrar um livro: para fora, ao encontro do novo, e para dentro, em que o sentido mais profundo é convocado. É nesse encontro entre passado, presente, futuro, realidade e emoção que se desenrola essa narrativa delicada, que valoriza o olhar curioso da infância e a potência do conhecimento como forma de aproximação entre culturas. **[Silvia Zerbini]**

UMA FLOR QUE CRESCE NOS ESCOMBROS

Autoria: **Jairo Buitrago e Erre**
Editora: **Palavras Educação**

Neste original e necessário álbum ilustrado, o relato se divide claramente em duas partes. A primeira mostra cenas cotidianas de infâncias com as quais qualquer criança poderia identificar-se. No texto, a descrição de cada uma dessas cenas vem precedida da palavra "Antes"...

Bruscamente há uma ruptura, o autor pede ao leitor para fechar os olhos – a ilustração fica toda preta – e ao girar a folha entrevemos o que virá através de uma estreita fresta (talvez os olhos se abrindo): um novo cenário de dor e destruição.

No livro como na vida, é rápido assim, um dia uma criança tem uma vida normal e no outro uma vida arrasada. Neste momento o autor quebra a quarta parede e se dirige ao leitor para expor a sua opinião. Diz que não é justo que a guerra rompa dessa maneira vidas cheia de possibilidades. Páginas de cidades em ruínas se seguirão, mas no final do livro, a imagem da flor que cresce nos escombros, nos deixa com uma mensagem de esperança.

Buitrago, um autor colombiano consagrado, com muitos livros publicados, traduzidos e premiados, assume um tom de proximidade, com uma linguagem acessível e afetuosa, que conclama o leitor a se posicionar diante da injustiça. Erre, ilustradora e grafiteira também colombiana, utiliza stencils com cores frias e muito preto para criar uma estética dura e urbana, com toques amáveis, como por exemplo um pequeno ouriço, símbolo de autopreservação, resiliência e sobrevivência, que aparece em todas as cenas.

A imagem da oliveira e uma melancia no colofão nos remetem à Palestina, porém há um cuidado evidente em não limitar o discurso para fazer que a mensagem encaixe também em outras realidades onde infâncias são transformadas, seja por guerras ou conflitos armados.

Falar sobre a guerra e a dor em um livro infantil parece fora de lugar, porém, livros que abordam temas difíceis com um enfoque adequado, como este, são necessários e representam uma oportunidade para o diálogo e a reflexão sobre temas que fazem parte do mundo em que habitamos todos nós. **[Madalena Elek]**



MINHA VIAGEM COM MARA

Autoria: **Marina Arbolave**
Editora: **Edições Barbatana / Lote 42**

Na melhor tradição da literatura para as infâncias, este livro, pequeno em seu formato, reserva ao leitor uma grande surpresa.

Marina Arbolave nos conta a história de Mara, uma elefanta que, depois de uma longa trajetória por diferentes lugares do mundo, foi transportada de Buenos Aires até a Chapada dos Guimarães, no Brasil. Ao tomar conhecimento dessa história por meio de uma revista de turismo, a autora decidiu, como lhe é de seu costume, seguir seus rastros e descobrir mais sobre a vida desse animal que, ao longo de mais de cinquenta anos, percorreu três continentes, atravessou o oceano e realizou uma última e extraordinária viagem por terra, da Argentina ao Brasil.

Profundamente tocada pela trajetória de Mara, Marina decide transformá-la em literatura. E é justamente aí que reside uma das maiores qualidades do livro: a autora não se limita a reconstituir os acontecimentos, mas procura imaginar a experiência da própria elefanta, seus deslocamentos, suas percepções e o que poderia significar, para ela, uma vida marcada por tantas viagens.

Com delicadeza e respeito, Marina se aproxima de Mara, tornando-se uma narradora sensível e cúmplice de sua personagem. A viagem ganha, assim, contornos quase épicos, mas sem perder a intimidade e a ternura. É a história de um grande deslocamento, contada a partir de um olhar que procura reconhecer a singularidade de quem o viveu.

A narrativa encontra nas aquarelas da própria autora uma linguagem de rara sutileza. Com traços leves, cores delicadas e imagens sugestivas, texto e ilustração se complementam, deixando espaço para aquilo que não precisa ser inteiramente dito. Há uma contenção expressiva que torna a leitura ainda mais comovente.

Ilustração para
Astro

O cuidado com o acabamento, a sobrecapa e as guardas traz o selo de qualidade das editoras, Barbatana e Lote 42. Pequeno, delicado, cuidadosamente concebido, o livro cabe nas mãos, como um pequeno cofre que guarda uma história extraordinária. Há algo de especialmente comovente nesse contraste entre a delicadeza de sua materialidade e a dimensão quase épica da vida de Mara.

Minha viagem com Mara é um livro delicioso de ler e compartilhar. Uma obra que, partindo de uma história real, ultrapassa o relato de uma viagem para nos aproximar de questões mais amplas, como a liberdade, o pertencimento e a relação entre os seres humanos e os animais.

Mas é a sensibilidade literária de Marina Arbolave que nos oferece a chave dessa leitura. Ao escolher contar a história pelo ponto de vista de Mara, a autora nos convida a deslocar também o nosso olhar. E talvez seja essa a maior beleza do livro: fazer de uma história tão singular uma experiência capaz de tocar profundamente seus leitores. **[Dolores Prades]**



IOIÔ, O GRIÔ

Autoria: **Lidiane Cristina de Andrade e Camilo Martins**
Editora: **Editora Quatro Cantos**

Ioiô, o griô acompanha um jovem pescador que chega a uma ilha bela e temida. Ali, entre as ondas, avista uma mulher deslumbrante com cauda de peixe. Para que esse encontro nunca se perca, Ioiô passa a contá-lo repetidas vezes ao seu povo e às aldeias vizinhas, tornando-se um guardião da palavra e da memória: um griô.

A obra trata a oralidade como forma legítima de conhecimento e põe em cena valores afrocentrados, como a ancestralidade, o respeito aos mais experientes, o saber que circula de boca em boca e o tempo espiralar, em que cada nova narração atualiza o vivido.

As ilustrações, nascidas de um estudo cuidadoso de Gana e da cultura axante, valorizam os traços fenotípicos das pessoas negras com beleza e dignidade. O projeto gráfico usa ideogramas adinkra, sistema criado pela civilização axante, como vinhetas que dialogam com o texto. Ao final, um pequeno dicionário revela o significado de cada símbolo dessa escrita, transformando a leitura em descoberta e abrindo possibilidades para a mediação. *Ioiô, o griô* é uma obra potente para as infâncias, que encanta pela história e pela beleza e contribui para uma educação antirracista feita com afeto, memória e pertencimento. **[Natália Coltri Fernandes]**

Ilustração para
Meu nome



O PEQUENO LIVRO DAS GRANDES COISAS

Autoria: **Sophie Vissière**
Editora: **Jujuba**

Em *O pequeno livro das grandes coisas*, Sophie Vissière, em tradução de Dani Gutfreund, apresenta uma narrativa delicada que coloca em primeiro plano a perspectiva das crianças em relação ao cotidiano. Com um texto verbal simples, aponta para gestos corriqueiros, enquanto o visual surpreende pelos detalhes, olhares e pontos de vista incomuns. A obra é interessante justamente por explorar esse jogo de perspectivas: diverte ao convidar o leitor a tentar descobrir do que se trata cada imagem antes de vê-la de uma maneira mais convencional.

Sua principal qualidade está menos na originalidade e mais na construção desse jogo de observação, adequado ao público a que se destina e à proposta de introdução às coisas do mundo.

Integrante da coleção Literatura de Colo, *O pequeno livro das grandes coisas* propõe algo de muito bonito: olhar novamente para aquilo que nos cerca, redescobrindo a dimensão e os detalhes de objetos que, para os adultos, já parecem tão familiares. **[Milena Buarque]**

Ilustração para
Como nasceram as estrelas

MIAU!

Autoria: **Joana Estrela**
Editora: **Oh! Outra história**

Dois gatos, um branco e outro preto, dividem a casa com sua tutora e encontram inúmeras maneiras de transformar a rotina em aventura. Antes mesmo de a história começar, nas guardas, a autora portuguesa conversa com os leitores e os convida a escolher os nomes dos protagonistas. São as únicas palavras de uma narrativa em quadrinhos que, a partir daí, confia inteiramente às imagens o relato dos cochilos, brincadeiras, investigações e pequenas travessuras desses felinos.

A paleta restrita ao azul e ao branco permite explorar contrastes entre áreas chapadas, linhas de contorno e retículas que conferem textura às superfícies. O desenho econômico encontra expressividade na posição das orelhas, na curva de uma cauda ou na inclinação de um corpo, gestos mínimos que revelam curiosidade, surpresa e desconfiança. A organização das páginas participa desse jogo ao alternar sequências de pequenos quadros, que prolongam a expectativa e fragmentam os movimentos, com composições mais abertas, nas quais o humor encontra outros ritmos.

A atenção aos movimentos dos gatos modifica nossa maneira de perceber a casa. Uma planta oferece esconderijo, uma estante se transforma em caminho e objetos organizados para o uso humano adquirem funções inesperadas. Sem recorrer à antropomorfização, a narrativa reconhece que pessoas e outros animais compartilham ambientes sem necessariamente experimentá-los da mesma maneira. O afeto dessa convivência inclui desencontros e uma autonomia felina que escapa às tentativas de organizar a vida doméstica.

Publicado originalmente em Portugal, em 2022, *Miau!* é uma edição em capa dura e formato pequeno, cuja delicadeza material combina com a precisão do desenho e o ritmo das sequências. A graça do livro está em observar como os gatos reinventam os espaços e as situações cotidianas, revelando, com humor e sensibilidade, a riqueza de uma convivência que não exige que os animais se comportem como nós. **[Thais Caramico]**

Ilustração para *Quem quer brincar de bola*



SAUDADE

Autoria: **Alessandra Roscoe e Odilon Moraes**
Editora: **Gaivota**

Saudade é o segundo livro da Trilogia dos Medos Desacontecidos, que aborda temas delicados e sensíveis, escrito pela autora Alessandra Roscoe e ilustrado por Odilon Moraes. O primeiro volume, *Quando as coisas desacontecem* (vencedor do prêmio FNLIJ), foi publicado em 2023, enquanto o terceiro está previsto para ser lançado em 2027. A autora, Alessandra Roscoe, é jornalista, escritora, contadora de histórias e mediadora em projetos de incentivo à leitura. Odilon Moraes é um escritor e ilustrador amplamente reconhecido por suas inúmeras publicações premiadas. Nesta obra, a dupla de autores explora com originalidade sentimentos como mudança, coragem, medo, desejo, pertencimento e conflito.

A protagonista desta história é uma casa situada no alto de uma montanha. Ela nutre um profundo desejo de mudar de lugar para ficar próxima ao mar, mas se questiona sobre como isso seria possível, já que as casas são estruturas fixas. Apesar do dilema, a vontade de se mover é tão intensa que ela não abandona a ideia. A partir daí, a narrativa acompanha os embates internos da personagem entre a coragem e o medo, a acomodação e a ousadia, abordando o vai e vem de suas decisões na busca pela compreensão de sua própria identidade.

Entrelaçada a uma ilustração delicada e sensível, a narrativa utiliza um jogo de leitura na horizontal e na vertical — marcas registradas do estilo de Odilon Moraes — convidando o leitor a percorrer a descoberta de um lugar de pertencimento. O tema é trabalhado com leveza e de forma simbólica, envolvendo o leitor de maneira profundamente criativa. **[Lícia Breim]**

Ilustração para *Eletricista*

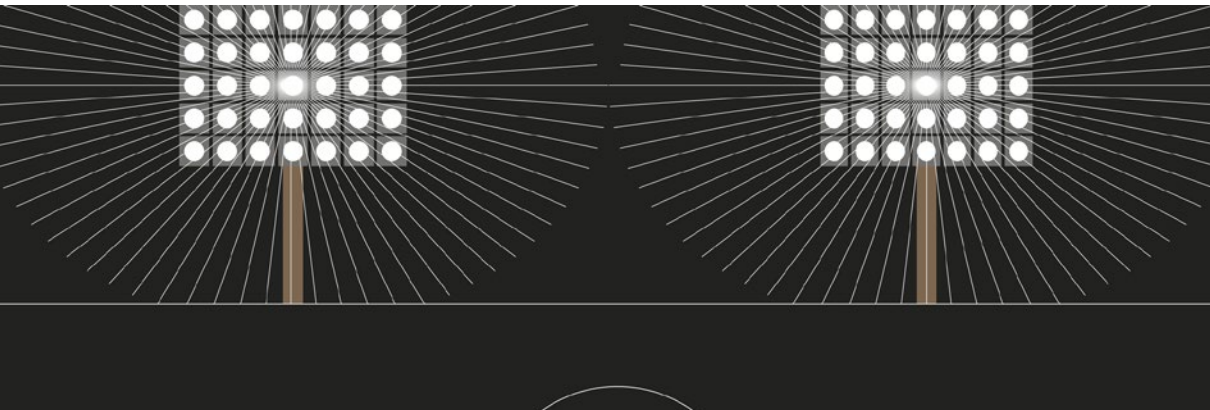
PRIMAVERA

Autoria: **Carolina Moreyra e Odilon Moraes**
Editora: **Joaquina**

Por quais metamorfoses passamos ao longo da vida? Essa é uma das perguntas que norteiam o livro-álbum *Primavera*, com texto verbal de Carolina Moreyra e ilustrações de Odilon Moraes. A trama tem como cenário o quintal da Bisa, uma senhora que aprecia as lagartas e os casulos que, um dia, se transformarão em borboletas com a chegada da primavera.

À medida que o leitor adentra a narrativa, é convidado, por meio de um diálogo primoroso entre palavras e imagens, a conhecer uma família intergeracional alicerçada no afeto. A paleta de cores em tons pastéis remete a fotografias e recordações amareladas. Esse recurso visual também funciona como um indicador da passagem dos dias vividos na companhia da Bisa, que, assim como as lagartas, também passou por sua metamorfose.

Quando a primavera chegou desta vez, a mãe e os filhos viam através da janela a borboleta, no entanto, a Bisa já não estava mais fisicamente entre os entes queridos, mas suas marcas permanecem; é possível reconhecê-la nas miudezas do cotidiano, nos gestos, nas lembranças e em tudo aquilo que foi significativo durante sua vida. *Primavera* é um convite a pensar sobre a finitude, mas, sobretudo, sobre aquilo que permanece em nós daqueles que já não estão fisicamente aqui. Afinal, algumas presenças encontram outras formas de existir.
[Andréia de Oliveira A. Iguma]



EQUIPE

ANA CAROLINA CARVALHO Mestre em Educação pela Unicamp e psicóloga pela USP. É formadora de educadores pelo Instituto Avisa Lá, editora-assistente na Editora Peirópolis, membro do Instituto Emília e assessora na área de leitura para escolas particulares e redes públicas. É autora de materiais didáticos e artigos na área da leitura e formação de leitores, e coautora do livro *Ler antes de saber ler, oito mitos escolares sobre a leitura literária* (Editora Panda Books) e de *Leitores e leituras: experiências literárias na escola* (Editora Peirópolis).

ANA EMÍLIA DE PAIVA é graduada e mestre em Biologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Em seguida, formou-se em Pedagogia pela mesma instituição. Atualmente, cursa a pós-graduação em Literatura para crianças e jovens do Instituto Vera Cruz. Atua como educadora na Educação Infantil e participa do projeto de extensão Bebeteca (FAE/UFMG), pesquisando práticas de mediação de leitura entre educadoras e crianças pequenas.

ANDRÉIA DE OLIVEIRA A. IGUMA Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Mestre em Letras (Literatura e Práticas Culturais) pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2012); Graduada em Letras também pela UFGD (2007). Concluiu o Estágio de Pós-doutoramento em Educação pela UNESP/Presidente Prudente, com bolsa CNPq. Autora do livro "Duas décadas de literatura juvenil premiada: juventudes, temas e formas" (2023), de artigos e capítulos de livros nas áreas de literatura e ensino, literatura infantil e juvenil e políticas públicas de leitura, além de organizadora de outras obras. Atuou como avaliadora e coordenadora adjunta em diferentes edições do PNLD - literário. Atualmente, dedica-se a formação continuada de professoras(es) pelo Instituto Educacional Travessia Literária. Girassóis é a sua estreia na ficção.

Ilustração para
Urso polar,
urso polar,
o que você está ouvindo?

AURÉLIO DE MACEDO é leitor. Especialista em O Livro para a Infância, pel'A Casa Tombada. Jornalista formado pela PUC-SP e escritor, é autor do livro infantil *Titus e as galinhas* (Kapulana) e editor do livro *Viagem ao nordeste brasileiro 1928-29 – Álbum de fotografias Mário de Andrade*, publicação independente apoiada pelo PROAC 2021. Atua como redator, editor, *designer* instrucional e roteirista de documentários, entre eles Besnard, histórias de um navio oceanográfico e FAU 70 anos, da USP. Membro da equipe *Destaques Emília*.

BÁRBARA FRANCELI é mestranda em Educação pela UFBA, pedagoga, professora e especialista em Literatura para crianças e jovens. Pesquisadora, atua como assessora em escolas públicas e particulares na área de leitura e formação de leitores. Integra o NAMME (UFBA), coordena os Destaques da Revista Emília e é coautora do livro Infâncias e Escritas - Produção de Textos na Escola, lançado pela editora Selo Emília & Solisluna, em 2023.

CAMILA PETROVITCH é pedagoga, mestre e doutoranda em Infâncias e Educação Infantil pela UFMG, Coordenadora na Educação Infantil em Belo Horizonte. Formadora do curso Leitura e Escrita na Educação Infantil. Integrante do Programa Bebeteca: Uma biblioteca para a primeira infância. Produz conteúdo sobre literatura infantil na página do Instagram @bambolerr.





CAROLINA P. FEDATTO é psicanalista e professora. Bacharel, mestre e doutora em Linguística pela Unicamp. É especialista em Teoria Psicanalítica pela UFMG. É pedagoga e especialista em O livro para a infância pel'A Casa Tombada. Publicou *Primeiras leituras: arte e cultura na primeira infância*, organizado em parceria com Fabíola Farias e Juliana Daher, 2022; *Uma biblioteca que acolhe: mediação de leitura em contexto de migração e refúgio*, PUC-Minas, 2024; *O bebê e os livros, Coleção Bebê Sapiens,* Instituto Langage, 2024; *O Astronauta*, com Amma, Pequena Zahar, 2024.

DIANNE MELO é mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, fonoaudióloga e especialista em Linguagem e pela PUC-SP. Há mais de 20 anos, atua na interface entre linguagem, educação, leitura, literatura, formação de professores e inclusão. Participou da elaboração, implantação, acompanhamento e avaliação de programas e projetos desenvolvidos na área de gestão educacional, educação integral e leitura e escrita, como o Programa Escrevendo o Futuro, Olimpíada de Língua Portuguesa e o Leia com uma Criança. Implementou e coordenou a área de Engajamento Social e Leitura no Itaú Social. Desde 2024, é assessora da Divisão de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo – DIEI/SME-SP, nas frentes de leitura literária, oralidade e cultura escrita. É idealizadora da LEDUCA – Linguagem e Educação, iniciativa por meio da qual atua como formadora, palestrante, curadora de conteúdos e consultora.

DOLORES PRADES, é sócia fundadora, diretora do Instituto Emília e Publisher da Revista e dos Cadernos Emília. Ddoutora em História Econômica pela USP e especialista em literatura infantil e juvenil pela Universidade Autônoma de Barcelona; diretora do Laboratório Emília de Formação. Curadora e coordenadora dos seminários Conversas ao Pé da Página (2011 a 2015) e Arte Palavra e Leitura (2018, 2019 e 2020); coordenadora no Brasil da Cátedra Latinoamericana y Caribeña de Lectura y Escritura; professora convidada do Máster da Universidade Autônoma de Barcelona; curadora da FLUPP Parque (2014 e 2015). Membro do júri do Prêmio Hans Christian Andersen 2016, do Bologna Children Award 2016 e do Chen Bochui Children's Literature Award, 2019. É consultora da Feira de

Bolonha para a América Latina desde 2018 e atua na área de consultoria editorial e de temas sobre leitura e formação de leitores. Tradutora, pesquisadora e escritora na área do Livro e da Leitura.

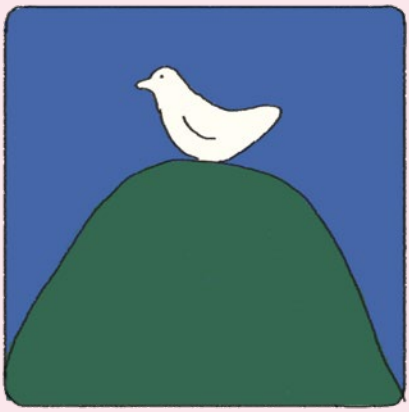
DORA BATALIM é professora de Literatura Infantil, Pedagogia e Artes das licenciaturas e mestrados em Educação do ISPA, criou o Curso de Pós-Graduação em Livros Infantis da Universidade Católica de Lisboa. Possui mestrado em Livros e Leitura para Crianças e Jovens; e em Ciências da Educação, ambas pela Universidade Autónoma de Barcelona, e fez pós-graduação em Sociologia da Comunicação e Cultura, Arteterapia e Ciências da Educação. Trabalhou na Bedeteca de Lisboa, coordenou projetos de bibliotecas e colaborou com os Serviços Educativos do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian. Trabalha com muitas instituições culturais, curando e liderando programas que conectam o livro com diversas expressões artísticas destinadas a públicos diversos e específicos. Pertence à rede de especialistas da Direção Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas (DGLAB) e faz parte frequentemente do júri do Prémio Nacional de Ilustração Portuguesa. Faz traduções, participa no Observatório de Literatura Infantil em Portugal e faz parte da equipe do Instituto Emília.

ÉRICA LUCIANA DE SOUZA SILVA é doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É docente no Instituto Federal Fluminense (IFF), onde ministra as disciplinas Literatura Comparada e Literatura Infantil e Infantojuvenil no curso de Letras. Atua também no Mestrado Profissional em Ensino e Suas Tecnologias da mesma instituição, ministrando a disciplina "As relações étnico-raciais e a educação". Integra a linha de pesquisa "Formação Docente" e coordena o projeto "Escola Quilombo", que recebe fomento do Governo Federal, por meio do MEC/SECADI. É integrante do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas/literÁfricas (GEED) e do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade (NEIA/UFMG), além de contribuir academicamente com o portal Literafro/UFMG.

LARA RAKEL TRINDADE é pedagoga formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Atua como educadora em Ensino Fundamental. É uma leitora literária e uma estudiosa das literaturas infantis e dos livros ilustrados.

LÍCIA BREIM é psicóloga com especialização em Psicopedagogia e Atendimento de Família e Casal no Instituto Sedes Sapientiae. Fez o curso A arte de contar histórias na contemporaneidade no Instituto Sedes Sapientiae e pós-graduação *O livro para infância* n'A casa Tombada. Membro da Equipe Destaques da Emília. Trabalhou na escola Vera Cruz por 35 anos no segmento de Educação Infantil na função de coordenadora e formação de professores, atuando com famílias e acompanhamento das crianças. Atualmente desenvolve um trabalho de assessoria nas escolas de Educação Infantil, no campo da literatura para infância e projetos pedagógicos no Atelie Binah. Atua em consultório como psicóloga atendendo casal, família e criança.

LÍVIA COSTA é leitora, especialista em *O livro para a Infância: criação, circulação e mediação em territórios plurais* pela A Casa Tombada (A'Casa Tombada), graduada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pesquisadora de Literatura, mediadora cultural e de leitura literária, professora de linguagens e artista visual.



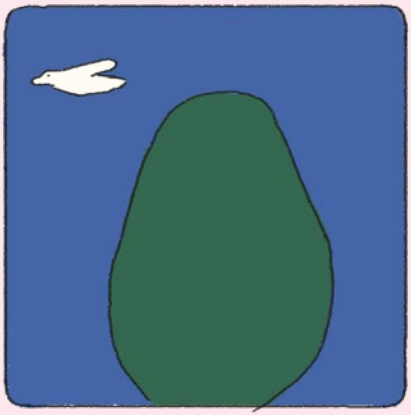
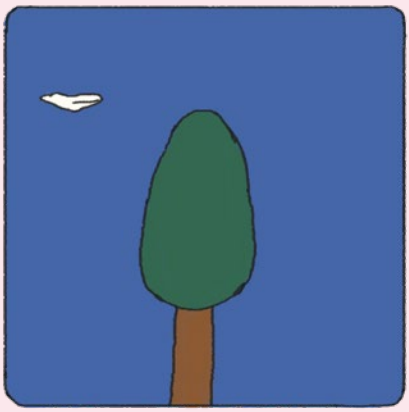
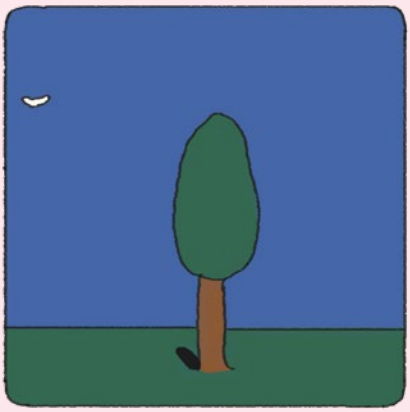


Ilustração para *O primeiro dia*

MADALENA ELEK se formou em *Design* Gráfico (FAAP/SP) em 1997. Em 2004 se pós-graduou em Ilustração Criativa (Escola Eina) e em 2019 concluiu o mestrado em Livros e Literatura Infantil e Juvenil (Universitat Autònoma de Barcelona). No Brasil, faz parte do coletivo Charivari, formado por 12 artistas brasileiros desde 2005. Na Espanha, onde reside há 29 anos, colabora com a Associació de Mestres Rosa Sensat, com o grupo Cadireta Blava, é formadora dentro do projeto LECXIT (Fundació Bofill) e bibliotecária na Escola Tàber.

MILENA BUARQUE é mestre em História, Política e Bens Culturais (FGV CP DOC), especialista em Estudos Brasileiros (FESPSP) e jornalista formada pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Possui experiência na criação e no desenvolvimento de estratégias de conteúdo editorial para diferentes formatos e mídias, com passagens pelo Itaú Cultural, VEJA.com, Federação dos Professores do Estado de São Paulo, Cruz Vermelha Brasileira, entre outros. Vencedora do 40º Prêmio Abril de Jornalismo na categoria Vídeo, é coordenadora de comunicação do Instituto Emília e atua como repórter e editora, colaborando com veículos como Quatro Cinco Um, UOL e BBC Brasil. Milena também coordena o Clube de Leitura Amada Estante e é coautora do livro-reportagem *Quarta Capa: o livro sobre livros* (Casa Flutuante, 2018).





MIRUNA KAYANO GENOINO é formada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo, especialista em Alfabetização e Mestre em Escrita e Alfabetização pela Universidade de La Plata, Argentina, com o tema da revisão textual em situações interativas, com aprofundamento no uso de ferramentas tecnológicas. É orientadora de ensino fundamental no Espaço Ekoa, e também professora do curso de pós-graduação Alfabetização: relações entre ensino e aprendizagem, do Instituto Vera Cruz. Possui ampla experiência como formadora de professores na área de Práticas de Linguagem, em especial com foco em alfabetização, produção e revisão de textos e leitura de contos de fadas.

NATÁLIA COLTRI FERNANDES é editora formada em Letras pela PUC-SP Pós-graduanda em O livro para a infância: criança, circulação e mediação em territórios plurais. É editora de livros impressos e digitais. Roteirista de audiolivros, reportagens, entrevistas e vídeos montagem na área de Ciências Humanas e Literatura.

NATALINO OLIVEIRA é poeta, professor e psicanalista. Possui licenciatura em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestrado em Teoria da Literatura e doutorado em Literatura Comparada pela mesma instituição, além de doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). É membro da Academia Muriaeense de Letras (AMLE), da qual é atual vice-presidente. Livros publicados: *A estética da dissimulação na literatura de Machado de Assis* (não ficção); *Rareza* (2017); *Fio de Contas* (2017, participação em antologia); *Ex-farrapos* (2018); *As cidades de Calvino* (Editora Urutau, 2022); e *Caderno dois do poeta vermelho* (2023).

RENATA PENZANI escreve, pesquisa e comunica livros. Doutoranda em Estudos Literários pela UFF, mestra em Estudos da Linguagem pela UFRPE e especialista em literatura para as infâncias pel'A Casa Tombada. Autora dos livros *Coleção de sons de Cecília* (Cepe, 2025. Ilustrações: Lumina Pirilampus), *Maracujá* (Laranja Original, 2023) e *A coisa brutamontes* (Cepe, 2018. Ilustrações: Renato Alarcão).

Ilustração para
O pote vazio

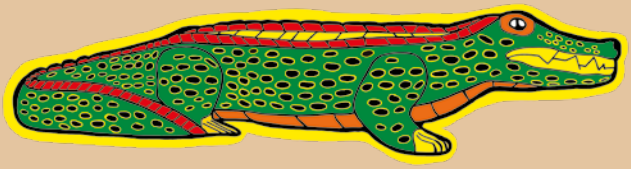
SILVIA ZERBINI é pedagoga, mestra em Formação de educadores, especialista em Literatura para crianças e jovens e em Antropologia da infância. Ela trabalha como professora polivalente na Educação Infantil há mais de trinta anos e também atua como mediadora de leitura e formadora.

SORAIA RIBEIRO é pedagoga pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU/UFBA), na linha de pesquisa Linguagem, Subjetivações e Práxis Pedagógica. Fez parte do NAMME/UFBA (Narrativas Literárias e Multimodalidade) e atualmente pesquisa literatura multimodal e mediações literárias na sala de aula.

THAIS CARAMICO é jornalista, editora e pesquisadora das relações entre infância, literatura e natureza. Especialista em Livros e Literatura Infantil e Juvenil pela Universitat Autònoma de Barcelona, tem segunda graduação em Pedagogia para Liberdade e é mestra em Artes pela Universidade de São Paulo, onde desenvolveu a pesquisa Seres-rios, dedicada à relação com o meio ambiente nos livros para a infância, na perspectiva ecocrítica. Atua há mais de 20 anos com temas ligados à infância, foi redatora do suplemento infantil do jornal O Estado de S.Paulo e cofundadora do Garatujas Fantásticas. É sócia do Estúdio Voador e editora de educação e projetos especiais da Boitatá, a irmã caçula da editora Boitempo.







EDITORAS QUE ENVIARAM LANÇAMENTOS

1. ABACATTE
2. ALETRIA
3. AMELÌ
4. AMITIÉ
5. BAIÃO
6. BARBANTE
7. BARBATANA
8. BIRUTA
9. BOITATÁ
10. BRINQUEBOOK
11. CAI- CAI
12. CAIXOTE
13. CAMBUCÁ
14. CARAMBAIA
15. CAROCHINHA
16. CASA DE LOBO
17. CAXINGUELÊ
18. CEPE
19. COMPANHIA DAS LETRINHAS
20. COLETIVO PALESTINA
21. COMPOR
22. ELO
23. ESCARLATE
24. ESTAÇÃO DAS LETRAS E CORES
25. EUREKA
26. FRANCESINHA
27. FTD EDUCAÇÃO
28. GAIVOTA
29. GALERA JUNIOR
30. GATO LEITOR

*RECEBEMOS 1 TÍTULO PUBLICADO DE FORMA INDEPENDENTE.

Ilustração para
Tem festa na floresta



31. JANDAÍRA
32. JOAQUINA
33. JUJUBA
34. L&PM
35. LÊ
36. LEITURINHA
37. LIVROS DA MATRIZ
38. LIVROS DA RAPOSA VERMELHA
39. MARALTO
40. MIOLO MOLE
41. O TAL
42. OH! OUTRA HISTÓRIA
43. OLHO DE VIDRO
44. OUTRA MARGEM
45. OVOLÊ
46. PALAVRAS EDUCAÇÃO
47. PALLAS
48. PALLAS MINI
49. PASSARINHO
50. PEIRÓPOLIS
51. PEQUENA ZAHAR
52. PERA BOOKS
53. PINGO DE LUZ
54. PIU
55. PULO DO GATO
56. QUATRO CANTOS
57. RECO-RECO
58. SEMENTE
59. SEMIBREVE
60. WMF



ANEXO 2

QUADRO COMPARATIVO

DOS LIVROS RECEBIDOS, PRÉ-SELECIONADOS E DESTAQUES DE 2013 A 2024

DADOS	LIVROS RECEBIDOS	EDITORAS PARTICIPANTES	LIVROS PRÉ-SELECIONADOS	DESTAQUES
2013	284	32	75	25
2014	227	38	62	26
2015	182	39	48	19
2016	167	39	48	24
2017	197	50	48	18
2019	90	42	39	31
2020	74	34	30	27
2021	161	44	57	42
2022	274	57	175	46
2023	404	85	242	57
2024	484	88	219	50
2025	428	60	*	81

* Até 2024, a coordenação dos **Destaques** era responsável pela pré-seleção dos livros recebidos. Neste ano, optou-se por compartilhar todas as obras recebidas com os colaboradores. Essa mudança favoreceu o contato de todo o grupo com a produção editorial de 2025, permitindo a identificação de temáticas recorrentes, tendências e características dos livros publicados no período. A iniciativa foi muito importante para ampliar o repertório, amadurecer as análises e críticas, revisar os critérios de seleção e avaliar a qualidade literária das obras.

www.emilia.org.br

www.emilia.org.br/categorias/destaques-e-olhar-leitor

Emília

LEIA OS CADERNOS EMÍLIA

www.emilia.org.br/categoria_do_selo/cadernos-emilia

Para participar do próximo Destaques, as editoras interessadas devem enviar um exemplar de cada lançamento de 2026 para:

BÁRBARA FRANCELI OLIVEIRA PASSOS

RUA GOIÁS, 301 - COND. SOLAR
DA PITUBA, ED. SOL NASCENTE,
APTO 502 - PITUBA - SALVADOR - BA
CEP 41830-130

ÉRICA LUCIANA DE SOUZA SILVA

RUA PADRE JOÃO EMÍLIO, 19
PASSOS, JUIZ DE FORA - MG
CEP: 36026-440

MARIA EDUARDA COUTINHO

RUA CONSELHEIRO LAMPREIA, 245
COSME VELHO - RIO DE JANEIRO, RJ
[COMPLEMENTO RIO TENDAS]
CEP 22241-230

DOLORES PRADES

AVENIDA ANGÉLICA, 551 - APTO 8,
SANTA CECÍLIA, SÃO PAULO - SP
01227-000

TUDO VIRA CULTSP

Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO